

quase

Histórias de vida em tom de cotidiano

canções

quase

Histórias de vida em tom de cotidiano

canções

Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura
e Museu da Pessoa publicam

quase

Histórias de vida em tom de cotidiano

canções



Museu da
Pessoa 25 anos

Instituto
Algar

Braskem

AES Eletropaulo
Energia e Água S.A.

GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Realização

Museu da
Pessoa 25 anos

São Paulo 2017

Prefácio

É estranho pensar isso hoje, mas antigamente as pessoas não ouviam música. Até o início do século XX essa experiência estava reservada para eventos religiosos ou apresentações esporádicas de uma banda, de um circo, de um artista.

A vida era pontuada ou pelos ruídos naturais, ou pelo choque dos instrumentos de trabalho.

O rádio e os *long-plays* a trouxeram mais para perto de nós depois da Segunda Grande Guerra, mas ainda assim a experiência com os sons não era tão fácil, simples e cotidiana.

Paul McCartney conta que, na adolescência, queria tocar uma canção mas sentia que precisava de algo mais que as posições que conhecia: mi maior e lá maior. Ao descobrir, porém, que um rapaz que morava no outro lado de Liverpool poderia ajudá-lo, não teve dúvida: embarcou num ônibus e foi até a casa dele só para aprender o acorde de si com sétima.

Hoje essa história soa quase ridícula, pois canções são praticamente uma extensão da nossa vida. Elas estão presentes nas memórias, nos eventos

importantes, nos *head-phones* que nos acompanham a cada passo e mesmo na forma como sentimos emoções. Talvez por isso tenhamos escolhido a música como elemento de amarração deste livro.

Aqui temos reunidas algumas narrativas dentre as centenas captadas pelo Museu da Pessoa no ano de 2016. Seus temas são diversos: vão desde os casos de amor às histórias de recomeço, dos pequenos contrasensos às jornadas espirituais, das lutas pela afirmação à busca de sentido para a vida.

Em alguns exemplos a música está em primeiro plano, como nas canções de Tone Roll, nos hinos de louvor que a Andreia pretende gravar em CD ou na célebre apresentação do grupo Racionais que mudou a forma de pensar da Semayat.

Em outros, aparece como pano de fundo, discretamente. Um rádio toca uma canção triste de Roberto Carlos na história de Íris, um show da Xuxa provoca uma revolução na vida de Juan Muzzi. Nós a imaginamos também na abertura da peça que libertou o Peterson, na trilha sonora do filme que quase enlouqueceu o projetorista Alexandro.

E, finalmente, apenas pressentida, como no apelido do palhaço Pedro, no *Ipod* com que Ygor chega ao trabalho, no conturbado casamento da Zélia, na trilha fragmentada que o Carlos Alberto ouviu em suas andanças pelo país, nos cânticos do internato que a Elizabeth frequentou quando criança.

Com essas 34 quase canções, celebramos mais um ano de trabalho do Museu da Pessoa. Esperamos que a leitura seja música para os seus olhos.

Sumário

COISAS DO CORAÇÃO

Entre tapas e beijos	12
Cálice	15
Como nossos pais	17
Você não me ensinou a te esquecer	18
Eu não presto, mas eu te amo	21
Sol de primavera	22

NOVO TEMPO

Achados e perdidos	26
Palhaço	28
La belle de jour	30
Meu caro amigo	33
Óculos	34

DIVINA COMÉDIA HUMANA

Outras palavras	41
As curvas da estrada de Santos	43
Eu te amo, te amo, te amo	44
Fina estampa	47
Uma partida de futebol	48
Filme triste	50

ANDAR COM FÉ

Fera ferida	54
Vamos fugir	56
Além do horizonte	60
Louvação	64
Feitio de oração	67
Começar de novo	68

SINAL FECHADO

Pai herói	74
Pelo telefone	78
Nada será como antes	81
Masculino e feminino	82
Em poucas palavras	86
Beleza Pura	88
Sob um sol de grafite	92

ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE

Pare o mundo que eu quero descer	96
Pela porta da frente	99
Andança	100
Pedaço de mim	106
Posfácio	III

COISAS DO CORAÇÃO

Entre tapas e beijos

Minha mãe de criação sempre foi do candomblé, então de vez em quando eu ia às sessões perto de casa. Foi lá que eu vi meu marido pela primeira vez. Ele era lutador de boxe. Negão bonito, vistoso. Eu pensei: “Opa, não tenho nada para fazer, ele também não”.

Chamei para ir ao cinema, ele topou, começamos a dar uns beijinhos, e num dos beijinhos fizemos um filho. Tudo isso em três meses.

Aí, um dia, a gente conversando, ele falou para mim:

— Agora que você está grávida vamos morar juntos.

— Eu não — respondi. — Não gosto de você, vou morar junto por quê?

— Porque você está grávida de mim.

— Porque eu estou grávida não quer dizer que vou casar com você, sai fora. Estava firme na ideia, mas minha mãe não me apoiou. Ela me mandou cuidar da vida, simples assim. Disse que eu não tinha que ter arrumado sarna para me coçar.

— Mora junto, faz qualquer coisa – ela falou. – Se vira.

Como não teve jeito, eu falei para ele que concordava em morar junto.

Mas, no que eu falei isso, a minha sogra começou a dizer que eu estava interessada no que ele tinha e não sei que e parari, parará. Aí, só porque a velha encheu o saco, eu teimei.

— Vamos casar no papel.

— Está bom, vamos.

— Mas eu não quero teu sobrenome.

— Não!?

O sobrenome dele é horrível, é Jacinto: “Jacinto que vou me lascar”. Disse que ele podia pegar o meu, que é mais legal.

Quando chegou o dia do casamento civil, o juiz olhou para nós dois e falou:

— Como vai ficar? A senhora vai pegar o sobrenome dele?

— Não.

Aí, na hora, sem avisar, sem nada, ele veio com essa:

— Mulher minha tem que ter meu sobrenome.

— Ah, é?

— É.

— Pois então fica aí, fio!

E fui embora.

Só depois de quinze dias é que nós voltamos a conversar e aí, sim, casamos direitinho. Ele foi um marido bom, família, muito gente boa mesmo. Ficamos juntos cinco anos.

Maria Tereza Montenegro

Cálice

Meu pai, depois que se casou, comprou uma casa ao lado da casa do irmão dele, Valter, que eu sempre chamei de Didi. Era engraçado vê-los juntos, porque os dois não podiam ser mais diferentes.

Meu pai tinha cabelo preto, olhos claros e era bem alto, um homem com mais de um metro e oitenta. Meu tio era exatamente o contrário: cabelo loiro, olhos escuros, baixinho.

Meu pai era um sujeito extrovertido, falastrão, aquele tipo que gosta de contar história para todo mundo. Meu tio não. Meu tio era quietão, aquela pessoa mais séria, mais comedida.

Apesar das diferenças, eles nunca brigaram.

Por outro lado, a minha mãe e a minha tia não se davam tão bem. Aquela coisa assim, de mulher. Volta e meia saía uma discussão e sobrava para o resto. Todo mundo se afastava.

Então o que acontecia?

O meu tio acordava de manhã, pegava o jornal e ficava sentado de um lado do muro, lendo. Do outro lado do muro, meu pai fazia a mesma coisa.

Como os dois estavam proibidos de conversar, um lia a notícia no jornal falando alto, e o outro lia também, do lado de lá, comentando. Eles conversavam um com o outro como se estivessem conversando com ninguém.

Régis Gund

Como nossos pais

Nunca namorei, nunca. Nem bati papo, nem fiquei de conversa ao telefone. Portão, nem pensar. Nós não podíamos sair de casa.

Quando eu e as minhas irmãs ficamos moças apareceram candidatos, rapazes que vinham nos pedir em casamento. Mas nós não abríamos a boca. O costume da família era rígido, e nós seguimos o ritmo.

Lembro que um dia meu pai chegou do trabalho e falou para mim:

— Filha, eu te dei.

— Pai, para quem o senhor me deu?

— Dei você para o Paulo.

— Como assim!? Não estou sabendo de nada.

— Você vai ficar noiva com ele.

— Pai, o senhor está brincando? Como é que o senhor está me dando?

— Não, filha, é boa gente, é armênio também. São bons, trabalhadores.

Uns dias depois saí com o Paulo para jantar. E para conhecê-lo. Era o nosso primeiro encontro. Fomos nós dois e o meu irmão.

Quando chegamos ao restaurante, observei bem o jeito dele de me levar até a mesa, de me servir, os modos. Olhei assim e pensei: “Nossa, deve ser um bom menino”. Unhas limpinhas, o tipo dele de vestimenta. Eu tinha dezessete anos; ele, dezenove.

Assim que cheguei em casa meu pai perguntou:

— Que você achou?

— Pai, é esse mesmo.

E aí já acertamos tudo que havia para acertar. A família dele veio em casa, contente. A minha também, todos reunidos, e aí firmamos o compromisso.

Maria Mikaelian

Você não me ensinou a te esquecer

O amor da minha vida foi uma amiga da minha irmã. Era uma menina bonita, desse tamanhinho, um metro e cinquenta e seis. O nome dela era Carla.

Na época em que eu a conheci, meu cabelo estava dessa idade, três anos sem cortar. Coisa de músico. Um dia encontrei por acaso com as duas. A Carla olhou o black-power, assim, e disse para a minha irmã que mal dava para enxergar quem era. Estava tirando.

Outro dia encontramos de novo. Ela deu uns olhares, tal, mas nada.

Aí, uma outra vez, eu cheguei em casa e meu irmão veio falando:

— Tone, está tarde, dá para você levar essa menina embora?

— Que menina?

— A Carla.

— O que ela veio fazer aqui?

— Te ver.

Já nesse dia teve um beijo e começou a loucura.

A Carla foi a coisa mais louca que me aconteceu. Em três anos a gente só não se viu quatro dias. Não tinha fim o amor, não tinha fim o desejo.

Por que deu errado?

Primeiro porque chegou uma hora eu senti que abandonei meus sonhos. Eu estava num trampo de lava-rápido, polidor. Vira e mexe lembrava: na minha casa, antes, tinha guitarra pendurada, baixo, bateria. E ali? Ali eu nem estava mais compondo, só fazia barulho.

Vieram brigas também. Eu sempre levava uma flor para ela quando a gente discutia, mas teve um dia, a treta foi tão forte que se levasse uma flor não ia adiantar bosta nenhuma. Eu passei então horas pulando os muros da casa dos amigos para catar flores.

A rua dela não tinha mais que trinta metros. Era pequenininha, sem saída. Eu forrei o chão de flor e fui embora.

Isso tudo era tentando ainda, querendo acreditar, mas sabe quando entra o dia a dia, sabe quando o amor não basta? É osso. Não adianta, ninguém está preparado para casar.

Quando entrou essa sensação de que não dava, que era o fim, eu comecei a usar umas paradas meio loucas. Desandei. Até em igreja eu fui, estava a fim de qualquer birutagem.

Mesmo hoje é complicado falar sobre a Carla. Eu vou ficar uma semana agora pensando em coisas que eu queria esquecer. Pensamento é igual abutre: você pode impedir que ele faça ninhos, mas não que fique voando em cima da sua cabeça.

Mas, enfim, terminamos.

No dia que ela foi embora de vez eu aprontei uma loucura:

— Alô, banda de emergência. Como que você está de tempo sabadão? Vamos tocar?

— Não sei.

— É por causa de um amor.

— Aquela mina lá?

— É.

— Então vamos.

E a galera se uniu, juntei um pessoal para tocar na frente do trampo dela. O Tone Roll aqui fez uma loucura de amor. Foi uma cena linda. O centro de Jundiá parou, parecia aquele filme “Curtindo a vida adoidado”, com o Michael J. Fox.

A gente até forçou um reencontro depois, mas não deu. Acabou, fazer o quê? Vai chorar até que horas? E nessa loucura toda saiu uma música. Chama “O amor”. Vou cantar um pedaço:

“Quando um rio separa uma ponte e um homem, se a vingança encara, o remorso pune. Você vem, me agarra. Depois vem e me solta. Você foi na marra, mas um dia volta. O nosso amor não se perdeu, e o tempo tem feito bem a nós. Sonho por onde vou, um lugar só para nós dois. Continuar a viver nesse amor, ser feliz, oh, baby, ser feliz desta vez, e foi por isso que eu me guardei só para você me conquistar, amor. O amor...”

Velho, eu vi uma pá de garotas escutar essa música e chorar:

— É tão ruim assim?

— Não, cara, é bonita. Para quem que você fez?

Antônio Leandro Ribeiro

Eu não presto, mas eu te amo

Eu conheci meu marido bem nova, treze para catorze anos. No início a gente foi se encontrando, conversando. Só mais tarde começamos a namorar. Aí já foi tudo rápido: teve esse tempo de namoro, logo veio mais um ano de noivado e, pronto, decidimos. Marcamos o casamento.

No dia, porém, aconteceram algumas coisas estranhas.

Primeiro estou em casa, sossegada, nem tinha começado a me arrumar, de repente um dos padrinhos chega e bate à porta:

— Você não vai mais casar?

— Vou, por quê?

— Porque está atrasada.

— Imagine.

— Está sim.

— Ainda faltam duas horas.

— Não, já estamos todos na igreja.

Alguém tinha mexido no relógio. Antigamente só existia um relógio na casa das pessoas, e todo mundo se orientava por ele.

E toca a correr, se aprontar. Chego à igreja às pressas, toda esbaforida, e vou para o altar.

— Aceita ele como esposo?

— Aceito.

A festa foi na casa do meu pai, na Vila São Pedro, em Curitiba. Coisa de bairro, nada de mais. Amigos, colegas, parentes de fora.

Enquanto eu recebia os cumprimentos, lembrava: quanto mais perto chegava o dia, mais um amigo da vizinhança começou a aparecer lá em casa. Foi chegando, se aproximando e um dia confessou que gostava de mim. Fez proposta, chegou até a pedir para eu desistir do casamento. Mas não dava, eu tinha feito a minha escolha.

Depois da festa, à noite, quando chegamos em casa, outra surpresa.

Alguém tinha roubado a chave. Procura daqui, procura dali, não encontrava de jeito nenhum. Meu marido teve que pular a janela para a gente entrar.

Zélia Aparecida Gritten Farias

Sol de primavera

Certa vez, ouvi dizer que as árvores perdem folhas e flores no outono a fim de manterem sua essência durante a escassez e a agressividade do tempo, para que possam reflorescer na primavera.

As pessoas também podem ser assim. Essa energia de ressurgir das cinzas alguns chamam de coragem, outros, de força, há ainda os que chamem de resiliência. Eu chamo de vó Maria...

Nascida em 1929, no interior de Minas Gerais, Maria Aparecida Alves perdeu a mãe cedo. E cedo foi introduzida ao trabalho. As foices e enxadas foram seus brinquedos. Não frequentou a escola, pois, como acreditava meu bisavô, “mulher não precisa aprender, para não escrever bobagens para homens”.

Entre mudanças de cidades e de estados, trabalhos forçados e tratamento frio, chegou à adolescência. E seu pai não demorou em arranjar-lhe casamento. Dali vieram os oito filhos e os aborrecimentos de uma união infeliz. Seu marido era alcoólatra. Não provia a casa do necessário e ainda por cima a destratava e agredia. Mulher forte, carregou os fardos com determinação. Talvez por isso seus joelhos doam tanto hoje.

Lutou para que os filhos fossem à escola (inclusive suas meninas) e, mesmo em extrema pobreza, cuidava de lavar as poucas roupas que possuíam e secá-las todas as noites com o ferro à brasa, para que no dia seguinte as crianças tivessem roupas limpas para estudar. Ensinou-os a serem fortes. Nos campos do interior de São Paulo e do Paraná, suportou a tristeza de vê-las comerem o alimento destinado aos porcos para não passar fome.

Com os filhos criados, já morando na capital de São Paulo, sofreu outro golpe: um deles foi preso. Pouco tempo depois, sua filha mais velha morreu, aos 25 anos, em um trágico acidente. Neste funeral, duas imagens dilaceraram vó Maria: o caixão lacrado de sua jovem filha e seu filho algemado entre policiais, em uma licença concedida para a ocasião.

Em casa, as humilhações com o marido continuavam, e só tiveram fim em meados dos anos 1980, quando ele, após uma briga fora de casa, fugiu. Ainda assim, considerando seu compromisso com o matrimônio, o procurou para que voltasse. Ele não quis.

Livre do jugo que suportara por 37 anos, aos poucos passou a frequentar bailes e até arranjou namoros, mas algo dentro de si a fazia sonhar com um desfecho diferente.

Foi então que, como em um conto de fadas, em 1990, sexagenária, conheceu um homem simples e sofrido que encontrou nela a fortaleza que tanto procurava. Foi amor à primeira vista: não demorou e juntaram-se para uma vida de companheirismo.

Anos depois, mudaram-se para o interior e casaram-se como manda o figurino. Foram vinte e quatro anos em que ela viveu seu auge: adquiriu a casa própria, renovou a mobília, aprendeu a andar de bicicleta e descobriu a pescaria. Viajavam juntos e sempre andavam de mãos dadas. Nesse período, passou a frequentar a escola para aprender a ler e escrever, e só a abandonou por amor, porque não queria deixar seu “Bem” (apelido carinhoso com o qual ela o chamava) sozinho em casa à noite.

Assim foi até que, em janeiro de 2014, inesperadamente, ele fechou os olhos para o mundo. Mais uma vez vó Maria se viu sozinha. Viveu o luto e sofreu a tristeza de perder um grande amor.

Na semana em que redijo esta crônica, sua vida deu os primeiros sinais de flores após um inverno rigoroso. Novamente reunindo coragem e garra, voltou aos bancos escolares para continuar os estudos. Está frequentando o clube da terceira idade, onde tem se divertido e até jogado vôlei.

Essa mulher que bordou em um lençol o nome dos 22 netos e 25 bisnetos e o exibe com orgulho na parede da sala, essa mulher que amassa e assa seu pão em forno de barro, que não se dobra às artrites e artroses, que já assistiu a tantas primaveras, suas e nossas, nunca pensa em desistir.

Essa mulher de grande memória, que é capaz de gargalhar de coisas que aconteceram há cinquenta anos como se tivessem acontecido ontem, que carrega o melhor da vida em sua bagagem, que consegue sentar e brincar com os bisnetos mais novos, que inventa receitas, que vai à igreja, que renasce a cada instante.

Essa mulher é Maria, minha avó, que ama a vida porque sabe que ela não é nem curta nem longa demais, é apenas a sua maior riqueza.

Andreia Suli

NOVO TEMPO

Achados e perdidos

Eu não sabia bem o que ia fazer no novo emprego na Fundação de Energia. Haviam falado algo a respeito de reparos, de consertar isso e aquilo, mas nada muito claro.

Isso aconteceu um tempo depois de eu ter assinado a demissão voluntária da Eletropaulo. Tinham sido dezoito anos ali. Lembro que quando cheguei em casa não consegui me controlar: chorei feito criança.

Minha sorte é que na época a Fundação de Energia tinha começado a montar seus museus, e eu consegui um emprego. Ganharia um quarto do que ganhava antes, mas pelo menos continuaria trabalhando.

As unidades da Eletropaulo começaram, então, a enviar objetos antigos para as oficinas do Cambuci, onde eu estava. Coisas que iriam fazer parte do Museu da Energia, em Itu, por exemplo. Só que as caixas chegavam e ficavam jogadas num canto.

Aí, um dia, o Renato, um rapaz que trabalhava lá, falou:

— Maça, será que você consegue fazer a limpeza disso aí?

— Claro.

— De repente, até consertar alguma coisa?

— Posso ver sim.

A partir dali eu comecei a fazer esse serviço. Foram meses trabalhando sozinho, até as dez, onze horas da noite.

Naquelas caixas havia de tudo: medidores de energia, gasômetros, luminárias, peças de residência, partes de postes, tomadas.

Eu pegava, por exemplo, o medidor de um voltímetro de 1920. Tirava da caixa com o máximo cuidado, separava item por item da peça e começava: limpava o vidro, limpava o painel. No fim, deixava tudo brilhando.

Um dos objetos mais interessantes que passou pelas minhas mãos chegou lá preto de sujeira, uma sujeira de pó misturado com graxa. Eu olhava aquilo de todos os lados, ficava estudando, analisando. Nada. Não conseguia descobrir o que era.

Essa peça me deu trabalho, mas ficou linda, linda, linda. Umhas partes eram de bronze, outras de latão. Só depois de tudo limpo é que a gente finalmente entendeu para que ela servia.

Era uma bomba de ar.

O rio Pinheiros tem umas grades na usina para segurar a sujeira que vem descendo pela correnteza. E antigamente, até 1930, 1940, quem fazia a limpeza dessas grades eram os mergulhadores.

Funcionava assim: quando o mergulhador se atirava na água, um cara que ia lá em cima, na barcaça, se aproximava dessa bomba e fazia as rodas girarem. Os pistões enviavam ar, e o rapaz do escafandro ia limpando as grades lá embaixo.

Claudio Maçarico

Palhaço

No dia em que eu decidi virar palhaço, fui até o quarto, peguei umas roupas esdrúxulas, pus uma calça apertada, uma bermuda por cima e, quando saí, perguntei para o pessoal:

— E aí?

E todo mundo:

— Pôôô!

Como eu estava com os cabelos puxados para cima, parecendo um abacaxi, acabaram me batizando de Piuí. Igual àquela música: “Piuí, piuí, piuí abacaxi”. Era uma coisa que eu estava querendo, que tinha a ver comigo, então eu meio que desencanei de tudo. Larguei a faculdade e minha vida passou a ser uma ação aqui, um festival ali, até manifestações políticas.

A maior delas aconteceu em julho de 2011.

Na época, estava para ser votado um Código Florestal que ia ser uma atrocidade. Ele ia permitir que a agroindústria derrubasse árvores nativas, matas ciliares; enfim, dava carta branca para eles. Nosso grupo foi para Brasília protestar. A ideia era simples: a gente ia plantar uma árvore nativa no gramadão do Congresso para simbolizar a vitória da natureza. Ela ia crescer ali, bonita, e dar sombra para as pessoas.

Chegando lá, começamos a plantar, mas o pessoal do Congresso chamou a polícia, e os caras mataram a planta na caruda. Era uma planta nativa do cerrado. Eles nem poderiam ter arrancado, mas não adiantou argumentar. Um dos policiais deu um soco no meu amigo, puf.

— Se plantarem de novo vão ser presos – eles disseram. E foram embora.

Depois que tudo passou, nós ficamos ali no gramado, em frente ao Congresso, pensando num jeito de finalizar a ação. Não vinha nenhuma ideia, até que de repente um amigo nosso falou: “Não vai dar para não ser preso não, galera. A gente vai ter que encarar essa”.

Todo mundo concordou, e ali, um pouco antes de dormir, eu pensei: “Eu vou chamar o Piuí, acho que ele vai se virar melhor na hora”.

Quando eu era criança, devia ter um ano, dois, minha mãe conta que eu tinha um amigo imaginário. Direto ela perguntava:

— Onde você estava, Pedro?

— Ah, estava com o Muni.

— Mas quem é o Muni?

— É o meu amigo.

Minha mãe falou que eu ficava horas no salão de festas trocando ideias com ele. Anos depois, eu descobri que Muni é uma palavra que designa sábios, monges, gurus. Naqueles momentos, então, eu recebia uma canalização de fora do plano material, uma instrução espiritual. Era um sábio que estava ali me ensinando coisas que eu deveria aplicar e passar para frente.

No dia seguinte, logo de manhã, nossa turma foi lá para o protesto.

Nós voltamos até o gramado e demos início a um puta ritual bonito, todo mundo de mãos dadas. O plano era plantar três árvores. Plantamos uma e os policiais já vieram, puf. Parou ali a viatura.

Imagina que chega um batalhão de brutamontes gritando e aí vê aquele monte de sujeitos pintados de urucum, tudo barbudo, cabelo comprido. Homem, mulher, com roupas bem hippies mesmo, cantando músicas que falavam de família e entoando o Om.

Os policiais esperaram a gente terminar o mantra, o Om, e mandaram a gente se levantar. Como não obedecemos, eles nos deram voz de prisão e nos levaram para a delegacia do Congresso Nacional.

Nessa hora, o Piuí se fingiu de boneco de pano. O cara levantando, e o Piuí caindo. Era um risco danado, porque, pô, os caras têm a lei, os caras têm o revólver, eles podem fazer qualquer coisa com você. Quando viram, tiveram que arrastar o Piuí.

Nós ficamos um tempo, tomando chá de delegacia, todo mundo nervoso, menos o Piuí. O Piuí só ficou tirando onda com os policiais.

— Você tem documentos? — um deles perguntou.

— Que é isso?

— Seu documento.

— Docu de quem?

Eu tive vontade de tirar o Piuí, mas ao mesmo tempo pensava: “Pô, mas o Piuí não quer ir embora”. No fim ficou. Ele andava para lá e para cá, mexia com um, mexia com outro. E os policiais só olhando de lado, segurando o riso, disfarçando.

Pedro Francisco dos Santos

La belle de jour

Um dia, apanhei um cosmético que apareceu no banheiro de casa. Nunca tinha visto nada igual no supermercado, ninguém nunca tinha passado na nossa porta vendendo. “Como será que minha mãe comprou isso?”

Olhei na parte de trás da caixa e vi que tinha um 0800. Fiquei pensando se devia ligar ou não.

Desde pequeno eu tive vontade de trabalhar. Nós morávamos em um apartamento da Cohab em Ribeirão Preto, e eu logo entendi que, se quisesse comprar um brinquedo, um videogame, teria que arregaçar as mangas e levantar um troco.

No fim, liguei lá no número indicado e perguntei qual era a história do produto. A pessoa me explicou e eu fiquei tão entusiasmado que agendei uma visita da promotora de vendas na minha casa. No meio da conversa eu tinha decidido que a minha mãe ia ser uma consultora daquela marca. Só que não contei para ela.

Um tempo depois eu a procurei:

— Mãe, eu preciso de uma xerox do seu RG e do seu CPF para levar à escola.

— Para quê?

— Tem uma viagem lá que a gente vai fazer e eu preciso levar a cópia dos seus documentos.

Quando a promotora de vendas bateu na porta de casa, minha mãe ficou sem reação:

— Quê? Vender? Eu não quero vender nada.

— Tenta, mãe — eu falei.

— Eles vão querer me empurrar um kit. Eu vou ter que pagar isso e, se não vender, vou ter que ficar com ele. Me fala: de onde eu vou tirar o dinheiro para pagar esse kit?

— Não, mãe, eu só quero que a senhora faça o cadastro.

— Por quê?

— Porque eu não posso, eu sou menor de idade.

— Você que vai vender!?

— É, mãe, faz o cadastro e deixa comigo.

Não sei como, mas acabei convencendo ela.

Agora restava esperar pela entrega. Não foi fácil. Nosso conjunto residencial ficava entre duas linhas férreas, e só havia uma entrada para lá. Todos os dias eu ia de bicicleta até a esquina e ficava esperando a Kombi que ia trazer os produtos.

Senti uma grande emoção no dia dessa primeira entrega. Nós abrimos a caixa e eu comecei a preparar minha estratégia.

Eu não podia falhar.

Quando saía do colégio de manhã, eu passava na papelaria da minha tia, no centro da cidade, deixava minhas coisas lá e caminhava até o Edifício Canadá, um prédio comercial que havia ali em frente. Eu tinha convencido o porteiro a me deixar entrar, naquela época os controles eram mais frágeis. Todas as tardes, então, eu ia até lá e subia as escadas, batia de porta em porta e entrava nos escritórios para vender os produtos: “Bom dia, você não quer dar uma olhadinha nos produtos que eu tenho aqui? Hoje tem não sei quê, mais não sei quê”.

Minha mãe virou vendedora logo em seguida. Fez vinte e um anos de empresa há uns dias.

Mateus Calligioni de Mendonça

Meu caro amigo

Anos atrás, quando eu era voluntário no Morhan (Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase) de Bauru, conheci um jovem que chegava do Acre em busca de tratamento.

Seu nome era Manoel Soares de Almeida. Ele vinha de um lugar chamado Colônia Souza Araújo e, menino ainda, havia sido separado dos familiares. Anos depois, em 2015, li por acaso um relato em que Manoel contava sua história. Ele falava da luta contra a doença, mas principalmente da saudade que sentia dos pais e dos irmãos, que mal conhecera.

Aquele depoimento me emocionou e, mesmo sabendo que cinquenta e seis anos haviam se passado, decidi fazer uma tentativa. Fotografei a carta e a postei na minha página no Facebook.

Uma vez na rede, o texto acabou despertando a curiosidade de um jovem amigo, também voluntário do Morhan, que residia em Rio Branco. Esse amigo era radialista e começou a divulgar o caso.

Por incrível que pareça, a nota foi ouvida por uma das irmãs de Manoel. Em menos de uma semana, fiquei sabendo que ela não só havia entrado em contato com a Rádio Difusora como dava paradeiro de toda a família Soares de Almeida. Eles viviam em Eptaciolândia, a 3.777 km de Bauru. Dias depois, iniciamos a viagem.

Jaime Prado

Óculos

A mola mudou a minha vida.

A mola e a Xuxa.

A história é interessante, vale a pena contar.

Eu era fabricante de brinquedos e, não me lembro quando exatamente, comecei a fabricar um tipo de óculos cujas lentes saltavam para fora. Era engraçado. A pessoa andava e o olho se projetava para frente e voltava, num movimento de mola.

Esse brinquedo normalmente era dado de brinde para as crianças e, como eu volta e meia participava de exposições no Anhembi, uma vez uma pessoa me falou: “Juan, quando você vier à exposição, traga uma caixa de óculos”. Não custava arriscar. Fabriquei o brinquedo e, um dia, quando cheguei ao centro de exposições, vi uma fila enorme na frente de um stand. Lembro de ter pensado algo assim: “Puxa vida, esse cara acertou em alguma coisa”. Fui andando, fui andando e, quando vi, a fila era no meu stand.

Mas aí aconteceu uma coisa que me chamou a atenção. As crianças pegavam os óculos, tiravam a lente e ficavam com a molinha. A mola fazia mais sucesso que os óculos. Então, na hora, eu concluí que deveria trabalhar com ela. Sempre tem um toque, é só você estar atento. A natureza nos avisa quando é hora de comer, de beber, se você deve dormir mais cedo ou mais tarde. Com as crianças é a mesma coisa, elas te falam com o que querem brincar, é só prestar atenção.

Elas querem uma mola? Vou fazer a mola.

Aí vieram as dificuldades: uma mola pequenininha assim, com três espiras ou quatro, era ruim de brincar, então eu tinha que fabricar uma mola maior, com oitenta espiras. Fazia uma experiência, fazia duas e nada, a mola não funcionava.

Assim se passou um mês, se passaram dois meses, seis meses, um ano. Um dia, minha mulher na época falou: “Não dá mais. Adoro você, mas ou essa mola funciona ou pego os meus filhos e vou embora para o Uruguai”.

Eu passei o fim de semana tentando, mas o raio da mola só funcionava na minha mão. Eu chegava em casa, dava para a minha filha e pedia para ela jogar para ver se descia a escada. Ela jogava e a mola fazia “blou blou

blou”, não funcionava.

Minha mulher não aguentou e foi embora. Fiquei arrasado. Eu tinha escolhido a mola em lugar da família. Mas fazer o quê? Sou do tipo de pessoa que, quando entra em um projeto, tem que terminar. O resto é o resto. Eu tenho esse problema.

Perdi meu telefone, perdi o carro, fui despejado de casa, uma miséria espantosa, mas depois de um ano a mola ficou pronta. Pronto, um problema estava resolvido, mas outro começava: eu tinha cinco mil molas no estoque e ninguém querendo comprar.

Fui à loja de um amigo atacadista e ele falou: “Olha, me manda duzentas, mas porque é você. Não quero esse negócio. Isso não vende”.

E não vendeu mesmo.

Estava num enrosco danado quando outro amigo me deu um conselho:

— Juan, se não tiver televisão não vende, só vende o que tem na tevê.

— Mas como eu vou mostrar na tevê?

— Dá um jeito, vai na Xuxa, conversa com a Xuxa. Você vai ver que se a Xuxa colocar na televisão tudo vai dar certo.

Aí fui na Xuxa. Fui falar com a Xuxa e ela me perguntou o que eu queria.

— Eu quero que você mostre isso na televisão.

— Fala com o meu irmão.

Fui falar com o irmão dela. Falei a mesma coisa: que eu tinha inventado aquele negócio e queria que fosse mostrado na televisão.

— Para eu mostrar, primeiro você tem que pagar alguma coisa.

— Quanto você quer?

— Um milhão.

— Quanto!?

— Um milhão.

— Posso pagar no sucesso?

— Não, paga primeiro.

— Não tenho condições.

— Então esquece.

Voltei para casa desolado, sem ter ideia do que fazer, mas uns dias depois eu soube que ela, a Xuxa, faria um show no Olímpia, no bairro da Lapa, aqui em São Paulo. Na hora eu tive uma ideia.

Eu juntei umas funcionárias, nós pegamos caixas daquela mola e fomos

até o Olímpia dar, tipo, uma de camelô. Toda criança que chegava a gente dava uma mola de presente. Logo depois encostou um ônibus com as paquitas, e a gente deu as molas para elas também.

Uma senhora lá até tentou nos expulsar, mas muitas crianças entraram com a mola e aí ficou aquela curiosidade:

— Onde arrumou esse negócio?

— Estão dando na porta.

Foi o caos: o teatro foi todo para a rua.

Lá dentro, no show, a Xuxa chamava as crianças para subir ao palco e elas subiam com o quê? Com a mola na mão. Aí falavam: “Olha aqui, tia, o que eu tenho”. Uma hora ela teve que pegar a mola e começou a brincar. Achou maravilhosa.

Na segunda-feira, tinha uma fila de caminhões na porta da empresa.

Por um bom tempo eu ganhei dinheiro. Muito dinheiro, aliás. A mola foi exportada para 22 países. Na França, que é um dos lugares mais difíceis para você entrar, eu montei um esquema com os camelôs no metrô. Estava sendo um tremendo sucesso, até que um dia um deles me chamou e disse:

— Juan, nós estamos com um problema.

— Que problema?

— A China.

— Não acredito que a China foi fazer essa porcaria.

— Fez.

Eu fui até o porto de Aveiro e vi os navios com contêineres cheios de molas. Eles copiaram, simplesmente, e ela ficou mais bonita e mais barata. Resumo da história: eles me guilhotinaram.

Aí foi, claro, aquela tristeza. Passei um tempo triste, desorientado, até que um dia falei: “Preciso criar outra coisa”.

Duas visitas sem muita relação me tiraram do buraco: uma delas foi a uma fábrica de bicicletas, e a outra foi a um restaurante gourmet. Foi lá, pegando um osso que veio junto com a salada, que eu tive a ideia do Muzzycycle, uma bicicleta feita com garrafas pet.

Mas isso é outra história.

Juan Muzzi

DIVINA COMÉDIA HUMANA

Outras palavras

Certa vez, quando minhas aulas tinham terminado, eu fui esperar o ônibus para voltar para casa. Era minha rotina, era o que eu fazia todos os dias. Estava sozinho no ponto, mas, olhando na direção da esquina, vi que a professora de português vinha se aproximando.

Na metade dos anos 1950, os professores eram considerados muito importantes, e ela ainda mais. Era uma pessoa séria, rígida. Quando ela se pôs ao meu lado, sei lá por que achei que deveria impressioná-la. O ônibus dobrou a esquina e separei dois passes escolares.

Embarcamos.

Naquele dia, essa professora tinha dado uma aula sobre sinônimos, e os exemplos estavam frescos na memória. Um dos casos que ela tinha mencionado era o da palavra “efêmera”. Ela tinha explicado que efêmera é o mesmo que passageira.

Passei pela catraca primeiro e, vendo que ela se aproximava, falei para o cobrador:

— Por favor, senhor, cobre a minha passagem e a dessa efêmera aqui.

José Sidnei Colombo Martini

As curvas da estrada de Santos

Assim que a Guerra acabou, eu e a Fanny, minha mulher, ficamos sem saber que rumo dar à vida. Não tínhamos mais ninguém em Cracóvia, e nosso visto na França era transitório.

Em meio àquela incerteza, porém, ela conseguiu localizar um tio, judeu como nós, e começou a se corresponder com ele. Esse tio tinha migrado para o Brasil em 1927 e nos disse que havia uma possibilidade de trabalhar em São Paulo.

Fui até o Consulado do Brasil sem saber uma palavra de português, e quando o tradutor me perguntou por que eu pretendia ir para o Brasil, falei dessa oportunidade de emprego.

— Para que cidade você quer ir?

— São Paulo.

— Por quê? — o cônsul perguntou, admirado. São Paulo é uma cidade superpovoada, tem mais de 600 mil habitantes! Não tem onde pôr uma agulha lá!

Quando desembarcamos em Santos, o tio e a tia da Fanny estavam nos esperando com o carro, e seguimos viagem pela Via Anchieta. Olhando a paisagem da serra, de repente uma coisa me chamou a atenção. Eu li uma placa em que estava escrita a palavra “curva”. Curva em polonês significa puta, prostituta.

Fiquei mais atento a partir daí. “Atenção, curva”, dizia outra placa. Achei esquisito. Por que avisam?

O carro subindo a serra, logo à frente apareceram mais duas: “Curva à direita”, “Curva à esquerda”. Não falei nada, mas estava ficando intrigado. Mais adiante me aparece essa placa: “Curva perigosa”. Aí não me segurei:

— Espera lá, tio, o que é isso?

Aí ele me explicou o sentido da palavra no Brasil e eu respirei aliviado. Ah, bom.

Leonid Nosek

Eu te amo, te amo, te amo

O Elisiário trabalhava na tecelagem à noite, e eu, durante o dia. A gente se via com frequência, mas uma hora lá eu fui mandada para uma unidade, e ele, para outra. O Elisiário era meu namorado.

A partir dali nossos encontros ficaram restritos aos finais de semana ou, muito raramente, a quando ele tinha folga e vinha me ver na saída do curso de corte e costura que eu fazia à noite.

Num desses dias, eu estava esperando e ele não apareceu. Fiquei pensando coisas. Era 1970, e não havia essa facilidade de comunicação de hoje. Como não havia o que fazer, voltei para casa.

O ônibus estava passando pela Vila Sônia quando eu olhei de lado, vi o hospital psiquiátrico e lembrei que alguém havia comentado que lá havia um telefone público. Eu tinha vinte e um anos, nunca tinha feito um telefonema na vida.

O certo era continuar a viagem, mas eu estava preocupada. Quando vi, já estava diante do porteiro. Perguntei se poderia usar o telefone e ele disse que sim. Disquei toda atrapalhada, e a pessoa atendeu do outro lado:

— Pois não?

— Gostaria de falar com o Elisiário.

— Ele não pode atender no momento.

— Sei...

— Não quer deixar recado?

— Não é nada não. É que ele estava um pouco resfriado e eu queria saber se melhorou.

E fui embora, decepcionada. Meu primeiro telefonema e eu não tinha conseguido falar.

Chego em casa, aquele silêncio, um vaso de flores sobre a mesa. Aquilo já deu um clima de tristeza, mas piorou. Alguém tinha esquecido o rádio ligado, e o Roberto Carlos estava cantando aquela música: “Vou telefonar dizendo/ que eu estou quase morrendo/ de saudades de você”. Aí não deu. Entrei em prantos, chorei.

Mais tarde, quando eu já estava deitada, dormindo, meu irmão foi até o quarto:

— Iris, teu namorado está aí.

Levantei correndo e fui até a porta:

— Que aconteceu? — eu perguntei.

— Você não ligou lá?

— Liguei.

— Então, eu estava saindo e um rapaz me falou que você estava com resfriado.

Nós dois rimos um bocado. Foi um momento gostoso, aconchegante.

Depois, quando o Elisiário foi embora, meu irmão ainda veio e me deu uma bronca:

— Fica atrapalhando aí o rapaz.

— Não tenho culpa, a pessoa lá que deu o recado errado.

Iris Nunes de Oliveira

Fina estampa

O pobre é pobre? É, mas tem tevê de 50 polegadas. É inadimplente? É, mas tem uma geladeira monstra. Teve um parça meu que foi ao shopping e pagou 900 contos numa blusa. E o salário dele é 1.200. Você fala: “Porra!”. Mas é assim.

Foi nesse mundo que eu cresci, e eu não era diferente. Queria isso, queria aquilo, e minha avó não podia dar. Então um dia você pega uma bolacha e põe no bolso, outro dia pega um M&M’s. Quando fui ver, estava no crime. A gente ia lá para os lados de Santo Amaro, Santa Cruz, via um boyzinho dando mole e roubava. Sabe quando a gangue anda na rua, tipo Laranja Mecânica? “Ah, mano, é aquele ali”. Já chegava dando bicuda, dando uns tapão e pronto. Voltava para casa com tênis novo, camiseta, boné da hora. Bicicleta era o que mais rolava. Naquele tempo, a molecada gostava de bike, não se ligava em moto, então eu roubava direto. Era tipo pegar a bicicleta, andar uma semana e vender, porque também não podia ficar marcando muito com ela ali.

Aí, um dia, não sei o que deu em mim, bateu aquela vontade: “Mano, eu quero ter uma bicicleta que seja só minha”. Consegui um dinheiro, comprei e montei ela no capricho. Uma bike gala: aro 24, banco gel, shimano, freio a disco. Monstro.

As meninas piravam.

E, normal, pá, um dia resolvo ir até a padaria. Chego, compro o pão, quando venho para fora e olho para baixo, “cadê minha bicicleta?” Já era. Olhei para um lado, olhei para outro, nada. Fiquei muito bravo: “Que filho da puta é esse que rouba bike dos outros?”

Era minha quebrada, pô, eu conhecia todo mundo, achei que não teria problema em deixar ali.

Me ferrei.

Guilherme Rodrigues de Moraes

Uma partida de futebol

O primeiro jogo da Libertadores de 1992 tinha sido em Rosário, na Argentina, e o São Paulo perdeu para o Newell's Old Boys por 1 a 0. Foi uma decepção, claro, mas todo mundo acreditava na virada no jogo da volta. Eu marquei de ir ao Morumbi com dois amigos, o Zé Banha e um outro, que tinha carro. Tudo certo, tudo combinado. Mas aí esse amigo do carro acabou pisando na bola. Os irmãos dele apareceram de última hora e ele teve que levar os caras para o estádio. Foi a primeira decepção da noite. Aí, não lembro quem era o prefeito, ele não pôs ônibus da CMTC para ir ao estádio naquela noite. Você tinha que ir de ônibus de linha. Tudo cheio, impossível de entrar. Foi a segunda decepção.

Eu e o Banha estávamos indo a pé quando, de repente, um cara ofereceu carona numa Brasília. Beleza, a sorte virou. Nós sentamos no banco de trás, mas o trânsito não andava. No que eu vi tudo parado na ponte da Cidade Jardim, bateu o desespero:

— Banha, vamos a pé, meu.

— Você está louco, Magrão?

Descemos e saímos correndo. Aquela foi a terceira decepção. Eu corria, corria e de vez em quando olhava para trás: Cadê meu amigo? E lá vinha ele: “Vamos, Banha!”.

Chegamos no Morumbi às nove e trinta da noite, o jogo marcado para nove e quarenta. Fomos entrar, nada: portões fechados. Quarta decepção. Lá fui eu argumentar com o guarda:

— Mas eu estou com o ingresso, pô!

— Não cabe mais ninguém.

Aí falei umas bobagens, o guarda ficou de cabeça quente: “Ah, é? Tem ingresso? Então vem aqui”. Eu naquela dúvida, sem saber o que fazer, nisso outro cara que estava na confusão falou: “Eu tenho”. E foi.

O guarda desceu o cacete nele.

Aquela era para ser a quinta decepção da noite, mas de repente abriu uma brecha ali na confusão e eu falei: “Vamos, Banha, corre!”. Empurramos o portão e pulamos a catraca. Invadiu.

Lá dentro, você andava em volta do anel, mas não conseguia entrar no estádio. Você só escutava o “uuuuu, uuuuu”. Foi dando uma agonia. O Banha falou:

— Vamos descer, vamos ver na televisão.

— Não, cara, espera acabar o primeiro tempo.

Veio o intervalo, o pessoal saiu e a gente se ajeitou. Pegamos um lugar atrás do gol e ficamos naquele sufoco até o Telê Santana colocar o Macedo. Lá pelas tantas, o Macedo se joga dentro da área. Eu acho que nem a mãe do Macedo apitaria aquele pênalti, mas como lá na Argentina não tinha sido também, fez 1 a 0.

Pronto, vai para os pênaltis.

Eu me lembro que estava bem de frente assim e, na hora que o Gamboa foi fazer a última cobrança do Newell's, virei para o Banha e falei:

— Banha, ele vai bater no canto direito do Zetti, cara, e o Zetti vai pegar.

Não deu outra.

Valdir Folgueral Rodrigues

Filme triste

Minha vida teve sempre relação com cinema. Quando era criança, queria ser ator, mas não tinha o menor talento. Desisti.

Anos mais tarde, naquela fase de office boy, às vezes eu ligava para a firma e falava:

— Olha, está uma fila gigantesca no banco, vou ter que ir embora daqui. Tudo bem?

— Tudo.

E ia para o cinema. Já tinha saído do banco fazia tempo, era só desculpa para assistir a um filme.

Dizem que de algum modo o mundo puxa a gente para fazer o que gosta. Se é verdade, não sei. O que sei é que, aos dezenove anos, eu soube de uma oferta de emprego no Cine Aricanduva.

Fui até lá e o sujeito do RH perguntou:

— De onde você é?

— Itaquera.

— Pode ir embora.

Já estava quase chegando ao elevador quando ele me chamou:

— Vem cá.

— Que foi?

— O outro candidato é parente de um funcionário.

— E?

— Não pode trabalhar duas pessoas da mesma família. É uma política da firma.

— Estou contratado então?

— Está.

Lá eu rasguei ingresso, fui auxiliar de borderô e preenchi formulários, mas toda folga que tinha eu ia até a cabine. Aquilo me fascinava. No fim, depois de uma greve em que mandaram um monte de gente embora, eu virei projetorista.

Anos depois, numa época em que eu já estava trabalhando no antigo Cine Arte, aconteceu uma história meio surpreendente.

Eu tinha terminado meu período lá e estava indo trabalhar em outro lo-

cal, mas antes montei o filme para o rapaz que ia assumir no meu lugar. Seria a pré-estreia daquele filme “Irreversível”. Preparei tudo, deixei ajeitado e fui embora.

Eu estou tranquilo lá na sala, no outro cinema, quando de repente o rapaz me liga:

— Sandro, o pessoal está querendo me bater.

— Por quê?

— Você montou o filme errado, tive que parar a sessão.

— Como é?

— O que eu faço agora?

Larguei o cinema em que estava trabalhando e fui lá ver o que tinha acontecido.

Devia haver umas 400 pessoas na sala, todas com cara de poucos amigos. Subi até a sala de projeção. O rapaz estava suando em bicas. Peguei o filme, coloquei na enroladeira e comecei a analisar. Não tinha nenhum problema, o personagem estava na posição que tinha que estar.

— Está tudo certo.

— Não, você montou invertido.

A sessão já estava atrasada em mais de uma hora, e o povo assobiando lá embaixo. Eu peguei o filme de novo, coloquei na máquina e soltei: letreiro de ponta cabeça. Um outro amigo que estava lá embaixo tentando acalmar as pessoas subiu e falou para parar, mas eu sabia que tinha montado certo. O tempo passava, e nada. O letreiro correndo, invertido, e o pessoal lá embaixo gritando, falando um monte; até latinha jogaram no vidro da cabine. “O que está acontecendo?”, eu pensava.

Aí, de repente, o letreiro vira de lado e começa o filme. Era daquele jeito mesmo, era de propósito. O filme era contado numa ordem cronológica invertida, era uma inovação do diretor.

A partir dali eu passei a deixar um aviso para o profissional que assumiria depois de mim: “Cuidado, esse filme tem o letreiro de ponta cabeça no início. Deixe rolar”. E pedi para deixar um aviso semelhante nas outras salas. Por pouco o pessoal não bateu no projetorista naquela noite, mas no fim deu para reverter a crise do “Irreversível”.

Alexandro Nascimento Genaro

ANDAR COM FÉ

Fera ferida

Quando eu tinha quinze anos, minha sala no colégio era formada por alunos repetentes. Todos tinham idade avançada. Eu mesmo já havia repetido duas vezes a oitava série.

Na época, eu estudava no período da tarde. Meus amigos eram, em geral, grandes e fortes, só que tinham perna fina. Eu achava curioso, mas nunca me perguntei de onde vinha aquela aparência.

Certa vez, eu e uns parceiros cabulamos aula e tocamos para a casa de um amigo comum. Pensei que fosse apenas uma bagunça de adolescente, um encontro para uma porção, um lanche ou uma bebida, mas, chegando lá, veio a surpresa.

Para qualquer lado que se olhasse se viam seringas e mais seringas e, em volta, tubinhos com MLS de anabolizantes. De início eu fiquei meio assustado, mas depois comecei a ver os amigos malhando. Em poucos minutos, os músculos deles ficaram totalmente alterados, com veias marcadas e saltitantes.

Decidi experimentar. Como eles, eu também queria ser forte e desejado pelas garotas, queria ser admirado e respeitado.

O pessoal preparou a seringa e colocou o líquido popularmente conhecido como “bomba para cavalos”. Tive medo, claro, mas fui malhar e em minutos meu corpo começou a inchar. Achei o máximo.

No dia seguinte, na chegada à escola, percebi que as garotas já me olhavam de modo diferente. Essa foi a porta de entrada para o envolvimento com anabólicos.

Meses depois, eu passei a estudar no período noturno, pois havia arrumado emprego com convênio médico na Amil Saúde. Não demorou para que eu viesse a conhecer colegas que também usavam anabólicos. Através deles eu comecei a fazer uso contínuo, como se se tratasse de medicação controlada.

Eu aplicava, logo depois malhava e, no outro dia, minha camisa estava grudada ao corpo. O tempo foi correndo, e o passo seguinte foi aumentar as doses. Todos comentavam na rua, na escola, no trabalho, como eu havia ficado diferente.

O problema é que havia um outro lado dessa transformação: em dois anos e meio, eu tinha chegado aos noventa quilos. Estava enorme, tinha me tornado um monstro. Foi o início dos problemas.

O pior veio depois, quando começaram a aparecer efeitos colaterais mais severos. Eu não podia escutar alguém falando mais alto que já me enfurecia. Comecei a agredir pessoas e a gritar. Com o sistema nervoso abalado, acabei perdendo o emprego. Também não conseguia dormir à noite por conta do metabolismo acelerado e, no dia seguinte, nunca conseguia acordar cedo.

Foi aí que aconteceu.

Era um sábado de manhã. Saí de casa para a academia e, assim que cheguei, fiz a aplicação do anabolizante. Tudo conforme a rotina.

Meia hora depois, porém, comecei a passar mal. Senti uma forte dor no peito, minha visão escureceu, minha boca ficou dormente e, de repente, percebi que não ia conseguir me manter em pé. Caído no chão, entrei em numa espécie de sonho.

Olhei para um lado e vi que Deus puxava a minha mão com força, olhei para o outro lado e vi que Satanás também tentava me atrair. Os dois estavam lutando por mim, e eu, inerte ali, parado, só me deixando arrastar. O tempo passando e eu ali, sem saber o que fazer, até que uma hora virei para o lado de Deus e pedi a ele para que não deixasse o Diabo me levar. A luta ainda se prolongou por alguns minutos, na incerteza, até que eu segurei firme na mão de Deus.

Quando acordei, tudo girava. Só depois que me acalmei vi que meu corpo estava coberto de aparelhos. Fiquei mais de uma semana em observação e depois tive que conviver com medicamentos. Foram três meses de tratamento pelo SUS e mais acompanhamento psiquiátrico.

Bruno dos Santos Dias

Vamos fugir

Quando cheguei à adolescência, em Porto Alegre, minha mãe, tipo, vrum, me empurrou para aqueles grupos de jovens da igreja católica. Meu pai estava doente, e ela cuidava de nós sozinha.

Eu não fazia ideia de para onde estava indo, mas acabei gostando. Encontrei um monte de gente de Deus, jovens. Foi ali, provavelmente, que nasceu esse meu ideal de fazer o bem para a humanidade: “Então vamos fazer que nem São Francisco, tem que ser radical”.

Mas, ao mesmo tempo em que frequentava o grupo de jovens, eu também comecei a ter contato com um grupo de amigos que fazia aquelas festas de garagem. Botava uma luzinha verde ou vermelha e pronto.

Foi nessa época que conheci o Jairo Antônio. Ele era tipo artista, desenhava, super idealista. Estávamos numa festa no clube uma vez, ele me chamou para dançar e perguntou:

- Que cor são seus olhos?
- Ah, são verdes, azuis. E os seus?
- Cor de mel, mas eu gosto quando estão vermelhos.
- Como assim?

Aí que eu vim saber que ele fumava maconha.

E ficamos assim: eu falando de Deus, ele me falando da maconha. Nós tínhamos vinte anos, tudo estava legal, até que um dia ele veio com essa:

- Eu falei com um amigo, a gente vai sair de casa.
- Como é?
- Então, vai morar só a gente.
- Mas e eu? E a namorada dele?
- Se vocês quiserem pode vir junto.

Foi aquela bomba em casa, claro, mas eu banquei. Falei para a minha mãe que íamos morar os quatro juntos: eu, o Jairo, esse amigo e a namorada dele. Eu queria ter uma experiência de vida comunitária. Ela sonhava com um casamento à moda antiga, véu de noiva e tudo, mas eu disse: “Tchau, estou indo”.

A gente alugou uma casa. O dinheiro era comum, e o que cada um tinha dividia entre todos. Era uma proposta bacana, só que não durou. Come-

çou a vir egoísmo, preguiça, ciúmes. De repente, eu estava grávida da Gabriela, e o Amadeu e a Mara, o outro casal, também estavam grávidos. Aí não deu, separou.

Eu tinha me formado em Serviço Social naqueles dias e fazia um trabalho com uma equipe superlegal de recém-formados, todos jovens, sonhadores. Eu estava tão envolvida que cheguei a me inscrever para trabalhar na Nicarágua.

Eu queria dar a vida pela causa, mas a experiência com aquela comunidade tinha me frustrado. Eu pensei: “Cara, se a gente assume o poder desse país, essas são as pessoas que vão estar mandando. Não, eu não quero, não é esse tipo de pessoa que eu quero lá no topo”.

Eu estava assim, em dúvida com a esquerda, com o idealismo, tudo quebrando na minha vida, quando um dia peguei o ônibus e fui para o centro de Porto Alegre. Fui assim, sem objetivo, entrei na Galeria Malco e, de repente, eu vejo lá no fundo um pessoal que eu conhecia da adolescência, o pessoal dos Meninos de Deus. Eles te davam folhetos amorosos, felizes, queridos, uns desenhos supermaneirinhos.

Naquela hora, eu não queria ouvir pregação e tentei fugir pelo cantinho, só que eles me viram e vieram pelo meio da multidão, com um sorriso. Daí eu parei e comecei a questioná-los. “Cara, vocês falam de Jesus, mas e as outras propostas sociais?”. E um senhor começou assim, superdoce, a responder tudo com a Bíblia, com coisas de profecias que já tinham se cumprido, que estavam se cumprindo.

Nós ficamos horas ali, até que depois de muita insistência eu dei meu telefone a ele. Achei que ia acabar por ali, mas o homem foi perseverante. Ligou uma, duas, três, quatro vezes no meu serviço, até que eu pensei: “Pô, coitado do cara”. Atendi e eles começaram a ir à minha casa.

Eu estava com a Gabriela recém-nascida e, quando falei dessa história para o Jairo, ele não pareceu animado. Ele falou que ia ver isso depois que terminasse uma serigrafia, não sei o quê. Aí eu disse:

— Jairo, cara, é o que eu quero. Eu fui lá, não vi briga entre eles. Eles vivem uma coisa livre, amorosa, poderosa.

Um dia me organizei, peguei as coisas e fui com a Gabriela. Estava quase lá quando o Jairo vem e se põe na minha frente:

— Você não vai entrar.

— Como é?

Eu não sabia o que fazer, mas um dos missionários apareceu e veio conversar conosco. Entramos. E tudo começou.

A gente passou a morar com grupos em torno de trinta a oitenta pessoas em grandes mansões ou sítios. Se você era casal, tinha o seu quarto; se não, tinha um quarto separado para solteiras e outro para solteiros. Tudo muito organizado.

Na parte da gestão, a comunidade votava em duas pessoas, ou duas duplas, que ficavam responsáveis pela administração. Quando você acordava de manhã, a mesa estava posta, alguém tinha feito café. Depois você consultava uma lista e já via: hoje eu, fulano e fulano estamos na limpeza. Outro dia, a tarefa era sair para evangelizar, outro dia era o jardim, outro dia era cuidar dos bebezinhos. Tudo era dividido. Eu vivi ali o socialismo que pregava.

Essa organização também tinha outra característica: você não ficava o tempo todo numa mesma comunidade, ia mudando. E, de mudança em mudança, eu fui tendo os filhos.

A Gabriela nasceu quando eu ainda estava fora, em Porto Alegre. Dali, eu e o Jairo fomos para Guararema, interior de São Paulo, onde a Tabita foi concebida. De lá fomos para o Rio de Janeiro, onde nasceram a Tabita e a Joy. Eu estava com o Jairo. Das comunidades do Rio a gente foi para o interior de São Paulo, onde eu engravidei do Urias. Eu estava com o Jairo. Meus três últimos filhos nasceram em Brasília: Urias nasceu no Lago Sul, o Natan nasceu no Lago Norte, o Calebe nasceu no Parque Way. Eu estava com o Jairo.

Nesta última comunidade, porém, o Jairo não se deu com as regras e foi convidado a se retirar. Ele disse que ia levar as crianças. Então eu busquei o Senhor em profecia e Ele me disse: “Vai onde estão teus filhos”.

Quando você deixa a comunidade, eles te dão uma barrinha de ouro, que é uma espécie de reserva para emergência. Foi o que nós levamos para reconstruir a vida. Na viagem de ônibus de Brasília até Porto Alegre, eu dizia: “Deus, você está na comunidade, mas está aqui fora também. Nisso eu me firmo”.

Quando chegamos a Porto Alegre, o Jairo trocou a barrinha de ouro por uma moto e saiu para fazer adestramento de cães a domicílio. Parecia tudo bem, mas eu fiquei com medo de criar meus filhos ali fora.

Nós então achamos outra família, que era da comunidade, e fomos morar com eles. Éramos nós e um amigo, que bancava tudo. Parecia tudo bem, mas de novo o Jairo começou a ter atrito com o pessoal.

Esse amigo, então, abriu um canil onde o Jairo foi ser adestrador. Fomos morar lá, eu engravidei da Pollyana e tudo parecia ter entrado nos eixos. Mas o Jairo se envolveu com a veterinária e nos deixou.

Lá fiquei eu, grávida, sem perspectiva, sem nada, no fundo do canil.

Aí começa o meu calvário. Morri. Cheguei até a pensar: “Sabe o quê? Vou sair fora, vou sumir”. Foi bravo. Mas antes de fazer qualquer coisa eu me ajoelhei diante de Deus e falei, tipo:

— Senhor, o que eu faço?

— O que você tem na mão? Olha ao teu redor –o Senhor disse.

— Tenho meus filhos.

— Aí são sete vontades minhas para você.

Nesse momento, eu decidi: “Ok, sim, Senhor, vou assumir”. Isso mudou tudo. Eu fiz um concurso da Secretaria Municipal de Educação, passei e voltei a cuidar das crianças.

Hoje eu estou fazendo life coaching. Tenho um grupo de mulheres em Curitiba, em Embu, em São Paulo, em Itapema. Eu as encorajo a escrever e a falarem de si, porque, com toda essa minha história, Deus me disse: “Malu, conta a tua história, mulher”. E eu conto. Eu falo de inteligência espiritual, porque a inteligência espiritual é necessária para você se dar bem na vida. Só por ela eu consegui chegar aonde cheguei, bem, superfeliz, bonita, distribuindo folhetinhos de Jesus.

Maria Lúcia Bianchini

Além do horizonte

Em 1986, eu era funcionário da Goodyear. Não ganhava mal, mas estava desanimado, principalmente por causa da questão dos horários. Aí, um dia, encontrei um colega da época da Light, onde eu trabalhei por dez anos.

Ele me falou que, se eu quisesse, poderia me recolocar na empresa. Era uma boa oportunidade, e fiquei animado. Continuamos a conversa e ele falou para que eu o procurasse. Ainda garantiu: “Até fevereiro, te coloco lá”.

Aí, o que aconteceu? Eu forcei a barra para ser mandado embora da Goodyear. Recebi a indenização e me dei o direito de fazer o que não tinha feito nos últimos anos: viajei, passeei, gastei. Janeiro inteirinho só fiz isso, porque aquele amigo tinha dito que até fevereiro me colocava lá.

Só que chegou fevereiro e nada de ele ligar. Passava um dia, passava outro, e o telefone ali, mudo.

Nessa época, minha mulher frequentava a Seicho-No-Ie. Ela nunca falou para mim: “Você tem que ir”. Mas eu vi a mudança que houve nela, no contexto todo. Como eu estava com essa angústia em relação ao trabalho, falei que ia assistir a uma reunião.

— Tem certeza?

— Sim, vamos.

Estávamos lá, acompanhando a preleção, quando uma mulher se aproximou e falou para a minha mulher:

— Quem é esse senhor que está ao lado do seu marido?

— Como assim? — eu perguntei.

— Tem uma pessoa aí.

— Não, imagine, só viemos eu e ela.

Pedi para essa mulher dizer como era a pessoa. E quem ela descreveu? Meu falecido pai.

— A senhora está dizendo que o meu pai está aqui? Não é possível.

— É possível sim.

— Como que o meu pai está aqui se eu fiz a exumação dele? Meu pai morreu há nove anos.

— Ninguém morre — ela explicou. — A vida é eterna, o que morre é o corpo carnal, o resto todo continua. E seu pai está aqui, porque ele está sofrendo barbaridades lá no mundo espiritual.

— Como é?

— O espírito, quando a pessoa morre, acorda no mundo espiritual na mesma situação em que saiu daqui. Se ele tem algum entendimento, ele automaticamente vai subindo para postos elevados. Se ainda não tem entendimento, fica preso ao mundo fenomênico.

— Minha senhora, a senhora está falando tudo isso para mim, mas fica difícil entender.

— Você vai ler esse livro — ela disse, pegando a Sutra Sagrada. — Você vai fazer a leitura para o seu pai durante 49 dias.

— Tudo isso aí que está escrito no livrinho eu vou ter que ler para ele?

— É. E você pode ficar tranquilo que tudo vai se resolver.

Enquanto voltava para casa, eu não conseguia tirar aquele pensamento da cabeça, de que meu pai estava sofrendo por estar preso ainda ao corpo carnal.

Eu tinha sido criado como católico apostólico romano, não acreditava naquelas coisas. Mas resolvi tentar. Determinei um horário, e todo dia chamava pelo meu pai.

Eu fazia a leitura sempre na mesma hora, porque, segundo me disseram, no mundo espiritual eles têm muitas atividades. É preciso, pois, estipular um horário para que o espírito venha te ouvir. Ao saber que vai ser chamado naquele horário, ele se dispõe a aparecer.

E eu continuei, dia após dia.

Naquele tempo, eu morava num grande quintal, onde havia três casas: eu morava na da frente, minha cunhada, na do meio, e minha sogra, na dos fundos.

Quando eu estava no 15º dia, meados de fevereiro, mês de fevereiro indo, essa minha cunhada veio falar comigo. A linha religiosa dela é evangélica, e, como vocês sabem, evangélico não acredita em espírito. Ela veio me procurar:

— Essa noite aconteceu uma coisa, eu não sei te explicar, mas foi muito real.

— Que foi?

— Teu pai apareceu para mim e veio pedir para eu te agradecer o que você está fazendo por ele. O que você está fazendo?

— É uma oração que me mandaram fazer.

— Bom, ele pediu para eu te agradecer pelo que você está fazendo. E ele ainda pediu licença para colocar a mão sobre mim, para eu sentir as dores que ele sentia.

Meu pai sofria de artrite reumatoide. É uma doença autoimune, que faz a pessoa sofrer muitas dores e deforma os dedos e as pernas. Ele passava noites sem dormir de tanta dor.

— Tem mais uma coisa — ela falou.

— Que é?

— Ele mandou falar para você ficar sossegado, que o negócio do seu emprego já está resolvido.

Como eu disse, nós estávamos no meio de fevereiro, e meu amigo da Eletropaulo não tinha feito contato. Como ele era assessor do presidente, eu não queria incomodar, mas é claro que tudo ganhou uma nova luz depois daquela conversa.

Liguei para a Eletropaulo e, assim que eu disse meu nome à secretaria, ela falou:

— Puxa vida, faz quase dois meses que ele está procurando o senhor.

— É mesmo?

— É, ele perdeu o telefone que o senhor tinha dado. Espere um minuto, por favor, vou transferir.

Antônio Carlos Tanjioni

Louvação

Meu pai e minha mãe se conheceram jovens, em São Paulo. Começaram a namorar e ela engravidou. Depois, por insistência da mãe dela, minha avó, acabou fazendo um aborto. Não sei se as coisas estão relacionadas, mas a partir daí ela passou a ter pequenos surtos de esquizofrenia.

Minha mãe não conseguia ter equilíbrio para ter um trabalho ou mesmo para estudar. Sempre dizia: “Alguém está me perseguindo, alguém não gosta de mim”. Uma vez, eu presenciei, estava ao lado dela, ela quis se jogar na frente de um ônibus. Outras vezes tentou se matar com uma faca ou tomando veneno.

Fora isso, havia a agressividade. Ela xingava meu pai, xingava meus irmãos e falava coisas que interferiam na nossa identidade. Eu me sentia impotente. Lembro claramente de momentos quando ia para o quarto e só queria dormir.

Tentamos viver o dia a dia, mas era sempre muito difícil lidar com a situação. No final, não teve jeito: ela foi internada.

Eu já trabalhava nessa época, mas me sentia exausta. Não me dava valor e não me achava merecedora das boas coisas da vida. Tinha medo das pessoas, na verdade.

Eu lembro que não queria estudar, não queria ter uma carreira, nada. Foi então que decidi largar tudo e ir para Yokkaichi, no Japão, um local onde havia muitos brasileiros, peruanos, bolivianos. Um dos meus irmãos já trabalhava lá também.

Meu primeiro emprego foi numa fábrica de chocolates. Sofri um pouco, pois não tinha agilidade manual. A segunda experiência foi numa fábrica de rolamentos. Também não fiquei muito tempo, dessa vez por conta do sistema de horários: numa semana, eu fazia das sete da manhã às sete da noite, na outra, das sete da noite às sete da manhã. Era exaustivo.

Ainda trabalhando lá, fiz um exame e descobri que estava com um pré-câncer no colo do útero. Não esperava por aquele golpe e fiquei revoltada. Provavelmente, estava demonstrando isso, porque meu chefe chegou para mim e falou: “Você está passando por tudo isso porque precisa de Deus”. E me recomendou visitar a igreja de um senhor que trabalhava na nossa seção.

Eu estava namorando um funcionário da fábrica naquela época, e ele me levou até lá. Já no primeiro dia, ouvi palavras que me acalmaram e pensei: “Nossa, é o que eu sempre procurei”.

Eu vinha buscando o amor desde muito tempo, mas vinha tentando com as pessoas erradas. O amor que eu precisava conhecer era algo que me ajudasse a me aceitar e ser quem sou, a não ter medo de falar: “Eu sou Cátia, eu gosto disso, eu tenho esse talento, eu posso fazer isso”. Aquela mensagem quebrou os paradigmas que eu tinha guardado por anos dentro da mente.

Fui até a frente e o pastor perguntou se eu queria receber o amor de Deus. Eu disse que sim e chorei muito, muito, muito mesmo.

Depois do culto, inclusive, eu olhei para aquela pessoa com quem estava namorando e falei: “Não é o que eu quero”. Eu vinha tentando preencher o vazio do coração com uma pessoa que poderia falhar comigo, eu não suportava a rejeição. Ali, eu percebi que precisava de mais. Eu não falo de igreja, eu não falo de religião, eu falo do amor de Deus.

Como mencionei, eu estava com o problema do pré-câncer no colo do útero naquela altura. Eu sabia que era uma consequência das minhas atitudes anteriores e sabia que teria que enfrentar o problema, mas me sentia desesperada.

Um dia, fui convidada para ouvir uma palestra num ginásio, o pastor Benny Hinn iria pregar. Fui. Ele se comunicava em inglês, e um intérprete traduzia.

Em um momento, o Benny Hinn falou para o auditório: “Você tem um problema. Coloca a mão onde você tem o problema”. Aí eu coloquei a mão na barriga, no finalzinho, lá em cima, e comecei a sentir uma coisa esquentar. Quente, muito quente.

Na hora eu me assustei e pensei: “Gente, o que está acontecendo?”. Era tudo novo para mim, fazia poucos meses que eu frequentava a igreja.

Então, continuando, ele falou: “Você está sentindo algo esquentar? Você está sendo curada”. Era tudo para eu conhecer o amor de Deus. Depois eu fui fazer exame e não constou mais nada. Nada, nada, nada!

Cátia Hatsuko Kawano Miyasiro

Feitio de oração

O sino do internato tocava às quinze para as cinco, e todo mundo tinha que levantar correndo. Ainda hoje eu acordo cedo, às quatro da manhã.

Cada uma de nós cuidava da própria roupa e arrumava a cama. Se você não arrumasse bem, podia ser advertida. Isso também ficou. Até hoje meu lençol não pode ter uma dobrinha.

Quando usávamos o banheiro, tínhamos que deixar tudo em ordem para a próxima pessoa. Tudo seco, tudo arrumado. Só depois é que você podia ir à missa ou para o estudo. Eu sempre ia direto para a missa, era boa aluna.

Quem praticava algum esporte aproveitava a hora do recreio. Quem não queria fazia caminhadas no pátio que era imenso, imenso, imenso. Você tinha que limpar os sapatos depois.

As aulas eram de Português, Matemática, Ciências. Como era chato o professor de Latim! Punha todo mundo de segunda época. Os cadernos não podiam ter orelha de burro, nem sujeira nenhuma, e a letra tinha que ser lindíssima.

À tarde, quanto tocava o sino do Angelus, você tinha que parar o que estava fazendo e rezar. Aí vinha a hora da janta.

Antes de dormir, havia uma outra espécie de recreio no pátio interno, quando você podia andar de patins e também conversar um pouco. Sempre tinha uma história, um assunto que tinha extrapolado. E então uma mais levada começava a contar piadinhas.

Aí fervia.

A gente lavava os pés no corredor de fora em seguida. Estavam sempre limpos, só se andava de meia.

As camas eram pequenas e tinham um cortinário branco em volta. Havia uma abertura, do lado, para você entrar. A mobília era simples: um pequeno armário, uma comodazinha. Sobre o criado mudo ficavam uma bacia e a jarra esmaltada na qual você punha água para lavar o rosto na manhã seguinte.

À noite, uma freira andava pelo corredor para conferir se as crianças estavam nas suas celazinhas. Íamos dormir às oito e meia. Eu, aliás, continuo indo dormir às oito e meia.

Elisabeth Zwolfer Americano

Começar de novo

Minha mãe tinha dezesseis anos quando engravidou de mim. Ela vivia com um padrasto, e os dois estavam envolvidos com drogas. Eu não gostava de ficar ali, não gostava do ambiente deles, e resolvi sair pelo mundo. Devia ter quinze anos.

Como não tinha casa, perambulava pelo Centro de São Paulo: Praça João Mendes, Praça da Sé. E, como uma coisa leva à outra, acabei me viciando no crack.

Para levantar o dinheiro, eu fazia programa na Estação da Luz. Às vezes dois, às vezes três. Dependia. Nunca peguei doença, mas corri risco. Passei por situações de o cara entrar no hotel, não querer pagar ou até mesmo de o cara enfiar um revólver dentro da minha garganta e abusar de mim.

À noite, eu entrava na noia de achar que ia morrer se ficasse ali no hotel, então saía andando. Quando o corpo não aguentava mais, voltava para a Praça Princesa Isabel, onde tinha o que a gente chama de maloca, que é um povo reunido, só moradores de rua. Ali eu caía e dormia. Quando acordava, voltava tudo à mesma rotina do dia anterior.

Como eu não tomava cuidado, fui tendo um filho atrás do outro, e uma hora lá me vi obrigada a arrumar um barraco na Comunidade do Moinho. Foram sete, cinco vingaram. Mas eu não ligava, não dava a mínima para eles. Quem cuidou foi a Maiara, a mais velha. Minha vida era fumar e me prostituir, me prostituir e fumar. Cheguei a pegar vinte pedras por dia.

Um tempo depois, tive um problema no coração e comecei a passar mal. Deus mandou a doença. Cheirava um tiro de cocaína e já vinha aquela falta de ar. Ficava tonta, enrolava a língua. Devido a isso eu fui parando. Quer dizer, tentando parar.

Foi uma amiga da igreja que primeiro me ajudou. Ela tinha vindo da Bahia, também tinha usado crack. Ela sabia do que eu precisava:

— Aí, Andreia, você quer trabalhar?

— Quero.

— Então tenho um serviço para você.

— Não acredito.

Era na Pinacoteca esse emprego. Eu estava animada, mas muita gente na favela falou: “Ih, essa louca aí não vai ficar uma semana”.

E o pior é que na véspera do primeiro dia eu acabei tendo uma recaída. Cheguei em casa às quatro da manhã com um copo de bombeirinho. Eu estava virada no Jiraiya, no 70.

Aí minha filha, a Maiara, olhou para mim e disse:

— Mãe, agora a nossa vida vai mudar, a senhora arrumou um serviço, joga essa bebida fora.

Aí eu sei que comecei a chorar. Joguei a bebida fora, limpei a cara, lavei o rosto, prendi o cabelo aqui atrás e falei:

— Como é que a mãe está, filha?

— Está bem.

— Você acha que eu estou em condições de ir?

— Sim, mãe, se arruma e vai.

Eu fui trabalhar e fiquei bem por um tempo, mas ainda tinha a fraqueza da bebida. Não demorou e arrumei uma confusão. Fui suspensa.

Hoje sei que aquilo foi uma permissão do alto para transformar a minha vida, porque eu fui à empresa e admiti que tinha bebido. Uma amiga que estava comigo até me deu um tapa na hora. Mas foi bom. A mulher gostou da honestidade e falou:

— Vou te dar outra chance.

Aí, então, a semente trabalhada pelo Espírito Santo frutificou. Parei. Não bebi mais, não fumei mais, não fiz mais nada. Está escrito: “Eis que as coisas velhas se passaram e tudo se fez novo”.

Hoje eu sou uma pessoa alegre. Eu canto na rua, falo sozinha, os outros devem até achar que sou louca da cabeça.

Às vezes eu ainda vou à Cracolândia. As pessoas, quando me veem, se admiram e falam: “Eh, neguinha. Quem te viu, quem te vê”.

Agora eu quero arrumar os dentes, quero gravar meu CD e quero patentear minhas letras. Deus me deu um louvor que fala assim: “Andava triste, sozinha, sem Jesus Cristo, sem o Senhor, agora ando com Cristo e

na minha vida tudo mudou, eu tive mais uma chance, e Jesus Cristo me abençoou, agora ando tão livre, caminho com Cristo, meu salvador. Quero morar lá no céu, morar lá no céu, morar com Jesus, quero morar lá no céu, morar lá no céu, morar com Jesus”.

Outra coisa que eu quero fazer é um curso de Teologia. Quero ser uma grande pregadora do evangelho. Eu estava perdida, mas a misericórdia me salvou. Eu quero dar testemunho desse amor. Eu conheço Deus, eu tenho intimidade com Deus.

Andreia Aparecida Evangelista

SINAL FECHADO

Pai herói

Meu pai trabalhava à noite e dormia durante o dia. Era taxista. Então, apesar de viver em casa, ele estava lá e não estava, porque acordava tarde, tomava café ou almoçava e já saía para trabalhar com o Fusca. Nós não tínhamos aquele contato de pai e filho, de pegar, de brincar. A gente se via, mas não conversava.

Lembro que uma vez eu queria muito uma bicicleta e comecei a pedir. Era o tempo daquela propaganda que o menininho enchia a casa de recados dizendo: “Não esqueça da minha Caloi”.

Meu pai não tinha dinheiro, mas pegou um serviço de pintura com um amigo. Aliás, não só pegou, me chamou para ir junto. A gente teve um contato legal nessa época. Eu doido para pintar a parede e ele falava:

— Não, só o rodapé.

Eu sei que pintamos a casa e no fim da obra ele me deu a bicicleta: uma BMX Pantera.

Mas isso era esporádico. Na verdade, eu vivia à solta e, quando veio aquela fase da adolescência, como muitos moleques ali do bairro, acabei me envolvendo com maconha, depois cocaína e aí não parei mais. É o tipo da coisa que você não sabe por que entrou e depois não consegue sair. Eu queria parar. Todo drogado quer parar, mas não consegue.

Uma época mais tarde, eu estava usando junto com um amigo, um cara super inteligente, por sinal, super empreendedor. Só para ter uma ideia, ele tinha três pizzarias, chaveiro no shopping, padaria, vários carros. Perdeu tudo na droga.

Passado um tempo, eu soube que ele tinha aberto uma pizzariuzinha. Daqui a pouco, outra notícia: comprou um Passat, que era o carro da época.

Aí resolvi procurar por ele:

— Beleza aí?

— Beleza.

— Como é que estão as coisas?

— Agora estou com um patrão novo.

— Sério?

— Quer ir comigo lá conhecer ele?

— Vou, mano. Vamos lá.

Esse meu amigo era 171 também. Ele tinha tanto dom de falar que me levou para uma Assembleia de Deus ali do Taboão. Ele começou a me chamar para campanha não sei onde, cerco de oração, aniversário de sede. Foi me envolvendo no negócio, e eu gostei.

Parei com o crime, parei de fumar, parei de beber. Drogas ainda usava, de vez em quando, eu reconheço, mas era pouco.

Eu me senti tão abençoado ali que quis trazer um primo que roubava junto comigo. Um dia, nós estávamos conversando:

— Vamos para a igreja.

— Estou fora.

— Vamos lá, é bom. Olha eu aí: parei de fumar, parei de beber.

— Parou nada.

— Parei, meu. Não acredita?

— Só vou acreditar se você for comigo na boca, ver eu fumando e não fumar.

Eu me senti desafiado e topei.

Nós entramos lá na boca e fomos até a casa de um sujeito fumar. Pascoal era o nome do cara. Quando chegamos, aconteceu um negócio que parece coisa de filme. O Pascoal recebeu a gente e, aí, conversa vai, conversa vem, uma hora ele falou para o meu primo:

— Meu, seu tio veio ontem aqui com mais de dez pedras e passou a noite, saiu agora há pouco. Seu tio é um dragão.

Na hora eu falei:

— Quê!?

— Você é filho do Avião?

— Sou. Repete aí o que você falou.

O tal do Pascoal ficou sem graça e desconversou, mas logo depois meu primo jogou a bomba:

— Não queria te falar, mas fumo com o seu pai já tem mais de ano, cara.

Aquilo para mim foi o tapete que saiu de debaixo do chão. Meu pai era considerado pai de família, trabalhador, honesto, digno. Nunca ninguém nunca soube de nada dele. Era aquele cara “da casa para o táxi, do táxi

para casa”. Naquela hora mesmo eu voltei a usar. No mesmo lugar onde ele tinha estado não fazia dez horas.

Cheguei em casa, ele estava dormindo. Resolvi abrir o jogo:

— Fui lá na casa do Pascoal ontem.

— Como é!?

— Pois é, fiquei sabendo.

— É, filho, fazer o quê? — ele falou, pondo a mão no coração.

— Como que o senhor entrou nessa?

— Fiz umas corridas para um cara aí, ele não me pagou a primeira, não me pagou a segunda; na terceira, me apresentou essa desgraça e eu caí na besteira de experimentar.

A partir dali, nós começamos a usar juntos. E a roubar juntos também. Foi uma época triste, mas ao mesmo tempo uma época feliz, porque foi quando eu voltei a ter um contato com o meu pai.

O problema, claro, é que a vida dele foi se arruinando. Ele perdeu o alvará, perdeu o carro, perdeu o carro do meu irmão, uma coisa atrás da outra.

Um dia, chegando de um bar, eu soube que a polícia tinha ido atrás de mim. Ainda consegui me esconder por um tempo numa quebrada do lado, mas os caras foram atrás e acabaram me pegando. Rodei delegacias e fui parar no Carandiru.

Meu pai foi me visitar, e foi lá que a gente se falou pela última vez, porque depois disso ele sumiu. Sumiu sumindo. Falou que ia trabalhar e nunca mais voltou. Isso já faz mais de quinze anos.

Minha mãe disse que ela e o meu irmão procuraram por ele em todo lugar: hospital, IML, tudo quanto é delegacia, tudo quanto é lugar, mas não acharam. Eu creio que, ou mataram por causa da droga, ou ele está louco andando por aí. Todo mendigo que eu vejo na rua eu olho a cara para ver se não é ele.

Vanderlei Fischer

Pelo telefone

Um dia, eu cheguei para trabalhar na Cooper Viva, dia normal, comum, igual aos outros, eu ouvindo o meu iPod, de repente, uns moleques que trabalham na recepção do material vêm falar comigo:

— Meu, achamos um iPhone6.

— Como assim?

— Está lá na sua mesa.

— Um iPhone6?!

— Zero.

Quando eu cheguei à minha sala, puf, estava lá. Um aparelho novinho, devia custar uns cinco mil reais. Eu perguntei para um dos rapazes:

— Você achou isso onde?

— Na coleta.

— Vamos procurar o dono.

— Não, negão, desbloqueia isso aí. Vamos vender, vamos desbloquear o iPhone.

— Isso aqui não tem desbloqueio. É melhor achar o dono e devolver.

— Então demorou, se vira.

Eu baixei um aplicativo que é associado ao iTunes. Esse recurso te mostra o nome do dono a partir de parte do código do serial. Fiz a busca.

A proprietária era uma loirona, tal, pá, toda bonitona. Mandeí uma mensagem explicando o caso: “Pô, estou com seu celular, não sei por que acaso ele veio parar numa reciclagem, parte de lixão, numa pilha, mas os rapazes acharam e eu quero te devolver. Tem como?”

A mulher não respondeu, só visualizou.

Eu não desisti.

Localizei uma amiga dela e mandei uma mensagem. Até hoje lembro o nome dela: Camila. Eu escrevi: “Camila. Oi, tudo bom? Sou o Ygor, da Cooper Viva. Estou com o celular tal, tal, não sei o acaso que o celular da sua amiga veio parar aqui. Não sei se ela foi roubada ou se perdeu, mas está aqui”.

E a Camila respondeu: “Ela foi roubada. Entraram na loja dela, apontaram o revólver na cabeça e falaram para dar o celular. Ela deu, mas bloqueou o aparelho. No que bloqueou, os bandidos não conseguiram usar, devem ter jogado no lixo”.

E olha o lixo que caiu? Logo na nossa cooperativa! Tipo, falei para ela: “Agradece a Deus”.

E era para agradecer mesmo. Não só por a gente ter encontrado e devolvido, mas também porque volta e meia a BobCat passava por aquele monte. Se a BobCat passasse por cima, ninguém ia nem ver o aparelho.

E a mulher ainda estava pagando. Imagina.

Essa história foi para o Facebook e bombou. Um iPhone6 bem naquela hora de mudança do 5 para o 6. Ninguém acreditava. No fim, ainda rolou uma recompensa: cem reais. Dei para o rapaz que achou.

Mais tarde, conversando, a dona confessou que não fez o contato da primeira vez por precaução. Ela tinha ficado desconfiada: “Achei que você estava dando em cima de mim. Pô, um negão, tal, vir com um papinho daquele”.

Ygor Montenegro Jacinto

Nada será como antes

Nunca vou me esquecer do dia 11 de outubro de 2000. Naquele dia, eu estava me preparando para apresentar uma peça. Eu e mais 150 internos da antiga Fundação do Bem-Estar do Menor (Febem).

Faltavam poucos minutos para o espetáculo começar, e a plateia do teatro do Memorial da América Latina estava cheia. Dava para ver que as pessoas estavam receosas e esperando pelo pior. Era sempre o que se esperava de nós. A gente era visto como monstro, não como artista.

Mas então a música entrou, e aí não dava mais para voltar atrás. Minhas pernas tremiam. Eu ia ser o protagonista da peça. Assim que deram a deixa, porém, entrei, e a voz se soltou. Detalhes eu não lembro, mas a sensação de estar livre era incrível.

Quando tudo terminou, os familiares subiram ao palco. Foi uma mistura de choro, aplausos, risos e parabéns. Ao canto, vi que uma moça segurava um menino no colo. Era o Gabriel, meu filho.

Um mês e meio depois, quando nós estávamos a uma semana de outra apresentação do “Dom Quixote”, eu fui premiado com a liberdade.

Fui recebido com alegria em casa e, devagar, fui me reintegrando à vida do lado de fora.

Um dia, conversando no almoço, fiz um comentário pelo alto. Ninguém entendeu ou quis entender o que tinha acabado de ouvir:

— Você é louco, menino!?

— Não.

— Repete.

— É isso, eu queria voltar à Febem.

— Mas para quê?

— Para participar dos ensaios.

— Que conversa! Acabou de sair daquele inferno!

Até hoje tem gente que não acredita quando eu conto, mas eu voltei.

Peterson Xavier

Masculino e feminino

Da minha infância, eu lembro principalmente das aulas de balé.

Eu era obrigado a ir para essas aulas, quando na verdade queria ir com os meninos para a aula de judô. Eu não conseguia fazer os passos, era horrível. Aí o que eu fazia? Estragava a aula das meninas. Chegou uma hora que a professora desistiu e me deixou ficar na biblioteca, vendo livros.

Sempre fui uma criança do tipo que gostava de brincar à parte. Uma vez, por causa disso, uma outra professora me chamou de egoísta na frente da sala inteira. Fiquei com muita raiva.

Além desses problemas, eu também não cuidava da aparência. Minhas amigas se arrumavam, se vestiam, mas eu não. Eu não conseguia ser menina, e elas me zoavam horrores. Eu era uma coisa que estava no limbo: não era nem um garoto nem uma garota.

Algum tempo depois, minha família se mudou para um prédio na Água Rasa, e a partir dali eu passei a viver uma vida dupla. Na escola, andava só com as meninas, no prédio, só com os meninos.

Ali pelos doze anos, fiquei menstruado pela primeira vez. Aí vieram as complicações. Antes, quando me falavam “você é menina” ou “você é mulher”, eu dizia: “Não, eu sou criança”, porque eu queria ser classificado daquela forma. Só que quando seu corpo começa a desenvolver curva, você é obrigado a se colocar na categoria mulher. As pessoas então começaram a falar: “Ah, virou mocinha”, “está virando menina”, “está virando mulher”. Aquilo doía.

Cheguei a ter um princípio de anorexia. Deixei meu peso cair para cinquenta e poucos quilos, porque eu não queria ter curvas. Eu almoçava suco e jantava aquelas sopinhas Vono. Estava bem magro mesmo, mas as curvas não sumiam. Continuava com seio, continuava com bunda, continuava com cintura, não adiantava nada.

Meu humor estava horrível. E eu me lembro que, uma vez, falando ao telefone, acabei brigando com meu melhor amigo. Assim que desliguei, vi um estilete em cima da mesa, e aí, sem pensar, sem nada, eu peguei

aquele objeto e fiz um corte no braço. Senti uma satisfação enorme na hora, foi como se eu tivesse colocado os sentimentos para fora.

A partir de então, comecei a me cortar praticamente todo dia. Durante a minha vida inteira eu fiquei calado. Tudo era mentira. Eu precisava falar e descobri um jeito de falar, me cortando. Para evitar que meus pais percebessem, eu usava mangas compridas, munhequeira, pulseiras.

O psiquiatra quase caiu para trás quando viu minhas marcas. Ele sugeriu na hora que eu fizesse terapia e me indicou um antidepressivo. Só que eu passei a me retalhar ainda mais. Eu ouvia vozes, via vultos, tinha alucinações mesmo.

Eu não posso tomar qualquer antidepressivo. Dependendo do antidepressivo que eu tomar, posso ter uma crise de mania e, com a crise de mania, eu fico mais impulsivo e faço mais merda.

Fui diagnosticado como esquizofrênico, mas depois de uma análise mais cuidadosa chegaram ao diagnóstico correto: eu tenho transtorno de personalidade limítrofe, sou um borderline. Hoje ainda soffro as consequências por ter tomado tanto remédio naquelas internações: meu raciocínio não é o mesmo, a velocidade dos meus pensamentos não é mais a mesma. Mas pelo menos eu tinha noção do que estava acontecendo.

Uma vez, quando eu estava na Unidade de Cuidados Especiais, encontrei uma mulher trans que ainda não tinha feito a transição. Primeiro achei que fosse um gay, só que o discurso dela não era de gay. Fizemos amizade e vi que meu discurso era muito parecido com o dela em relação ao corpo, à roupa, em relação a tudo.

Foi ela que sugeriu que talvez eu tivesse alguma questão de gênero envolvida na vivência. Eu nunca tinha parado para pensar nisso, eu nem sabia que existia esta definição: homem trans.

Hoje estou feliz e realizado. Ainda faço coisas autodestrutivas de vez em quando, mas parei de me cortar.

Eu escrevi no ano passado: “Aos poucos as coisas estão mudando, é um processo difícil e doloroso, como diz o poema. Mas, quanto mais difícil e doloroso, mais recompensador ele se torna. É aos poucos, lentamente eu vou deixando de ser visto como mulher, e o mundo vai se transformando

em um lugar muito mais hostil e bruto. Lentamente eu vou deixando de ser visto como um objeto e passo a ser visto como uma ameaça, então eu descubro que o lugar de vítima até que me era cômodo, porque não é nada fácil ser o vilão da história. Lentamente as pessoas começam a me ouvir quando eu estou com raiva e a me levar a sério de um jeito que eu não estou acostumado. Lentamente a minha força ganha outras proporções, outros significados, violência e agressividade. Meu grito engrossa e gera medo em vez de solidariedade e identificação. A masculinidade corre em minhas veias, e algum dia alguém disse que ser homem é ser agressivo e que o mundo masculino precisava ser hostil e bruto. Eu não sou agressivo, meu mundo é hostil e bruto, eu quero mudar isso. Há outras formas de masculinidade, há outros mundos masculinos, e eu vou descobrir como acessá-los. Eu posso ser um homem gentil sem que ninguém passe por cima de mim, sei que posso”.

S.S

Em poucas palavras

- Onde e quando você nasceu?
- Eu nasci na Bahia, em Itajubá, em 1992, dia 13 de agosto.
- Você sabe como é que seus pais se conheceram?
- Não.
- E como era a vida em Itajubá, você se lembra mais ou menos?
- Ah, era uma vida meio complicadinha.
- Ah é? Por quê?
- Não tinha muito trabalho, aí nós “tinha” que capinar; às vezes não tinha o que comer. Difícil.
- E você saiu de lá cedo, foi isso?
- Sim.
- Com quantos anos?
- Acho que uns seis, sete anos.
- E vocês vieram para São Paulo? Que ano que era, mais ou menos?
- Nossa, não lembro não.
- Mas você tinha seis anos, você falou.
- É, por aí.
- E vocês moravam onde quando chegaram aqui?
- Pirituba.
- E como é que era lá?
- Ah, lá era legal.
- Quando você foi para Pirituba, você morava em que rua, você se lembra?
- Nossa, não.
- Não tem problema. E quando vocês chegaram aqui vocês brincavam? O que mais vocês faziam?
- A gente ia pra escola. Também pedia na rua, ia no farol para ajudar meu pai a construir a casa.
- E como era essa coisa de pedir no farol?
- Para mim era legal.
- Você se divertia fazendo?
- Ahã.
- E como era a casa em que você morava?

- Era barraco.
- Na escola, teve algum professor que te marcou ou alguma coisa que te aconteceu?
- Não. Nada me marcou.
- Você estudou até que ano lá?
- Ah, faltava mais do que estudava.
- Ah é?
- Acho que foi até a segunda série, que eu ficava repetindo.
- E nessa época tinha alguma coisa que você queria ser, você tinha um sonho?
- Não, meu sonho era ser mãe. Mas aí Deus me abençoou com uma filha. Tenho minha casa, meu marido.
- Você queria ser mãe por quê? O que você pensava?
- Ah, me sentia sozinha, eu acho.
- E como é que foi quando você descobriu que estava grávida?
- Foi estranho.
- Ah é?
- Foi.
- Por quê?
- Na cabeça, a gente quer engravidar, mas quando acontece é diferente.
- Diferente como?
- Eu pensei em tirar, ia atrapalhar minha vida. Um monte de coisa passou.
- E como é que foi esse período de gestação? Foi bom.
- Foi bom?
- Foi.
- E como é que foi o dia do nascimento dela?
- Ah, foi bom. Emocionante.
- E quando ela chegou para você, o que você sentiu?
- Não sei explicar.
- Quais são seus sonhos?
- Meu sonho é construir minha casa, pagar todas as minhas dívidas, que são muitas.
- Tem alguma pergunta que eu não fiz e você gostaria que eu fizesse?
- Não.

Vanessa Meneses dos Santos

Beleza Pura

Quando eu tinha dez anos, minha mãe permitiu que eu e a minha irmã alisássemos o cabelo. Fiquei animada. Era uma coisa que eu queria na época.

O cabelo é um ponto crítico na vida de toda mulher negra. Eu lembro que minha mãe nunca deixou que eu e a minha irmã fizéssemos alisamento. Ela participou de movimentos desde a juventude, então criou uma certa emancipação em relação a isso.

— Deixem crescer naturalmente — ela falava.

Só que não tem jeito, a pressão é muito forte. Você começa a se sentir mal, como se não fizesse parte desse mundo. E isso se percebe nas mínimas coisas: a menina de cabelo liso, ela amarra o cabelo com um bico de papagaio, todo mundo acha o máximo. Eu não conseguia. São detalhes sutis, pequenas opressões diárias.

Enfim, quando eu tinha dez anos, ela abriu essa exceção. Ainda assim não foi chapar. Minha mãe deixou que minha tia relaxasse nosso cabelo para abaixar o volume. Era essa expressão que a gente usava, aliás: “Relaxa aí para abaixar o volume”.

Essa questão era tão delicada para a minha mãe e para as minhas tias que a gente acabou criando uma gama de mulheres cabeleireiras na família, lá em Presidente Prudente. Acho que nós temos pelo menos quatro ou cinco cabeleireiras especializadas em cabelo afro. Era um jeito de lidar com o problema.

Mas aí, um dia, aconteceu que a minha irmã parou de alisar o cabelo. Ela devia ter mais ou menos uns dezesseis anos, e eu treze, catorze. Naquela época, eu estava para entrar no primeiro ano do colégio e resolvi imitá-la:

— Se você vai parar, eu também vou.

Eu me lembro bem do dia em que minha tia cortou, e eu fiquei só com o cabelo black power. Levei um susto. Chorei sem parar.

Eu tinha esquecido como era o meu cabelo, a textura dele, eu não o conhecia mais nem sabia como ficava o meu rosto com ele na forma natural.

Quando eu cheguei ao colégio, os colegas ficaram assustados. Todo mundo olhava para mim como se, sei lá, nem sei o que dizer. Claro que algumas pessoas devem ter achado horrível, mas não tinham coragem de falar, porque eu sempre fui bocuda, briguenta.

Já outras falavam:

— Nossa, como você faz para deixar o seu cabelo assim?

— A gente nasceu assim.

— Não, mas como você faz para fazer o penteado?

— Não é um penteado, o cabelo é assim.

E, para piorar, isso aconteceu na época em que a Assolan lançou um diacho de uma propaganda racista que tinha um monte de bebezinhos brancos com o cabelo em formato de black power, feito de esponja de aço. Esse comercial tinha uma maldita música que todo mundo cantava para mim no ônibus: “nã nã nã e nã nã nã”.

Eu achei que ia me abater, mas no fim das contas aconteceu o contrário. Eu descobri uma potência grande. Eu descobri que as pessoas ficavam com medo de mim, acho que de tanta força que meu cabelo passava.

Outro fato que aconteceu foi que as outras meninas negras começaram a me procurar: “Como você faz?”. No segredinho, ali. Elas vinham conversar comigo sobre como era difícil deixar a química, como era difícil aceitar as brincadeiras, como era complicado isso, como era complicado aquilo. Eu virei uma referência, e, com o tempo, várias deixaram o cabelo natural.

Quando eu fui para a faculdade, a violência voltou. Eu estava num ambiente que teoricamente não era o meu, era como se eu fosse uma intrusa ali, ainda mais com aquele cabelo. Mas tudo isso só me trouxe mais repertório, mais vontade de me afirmar.

Um divisor de águas para mim foi o show dos Racionais na Virada Cultural de 2007. Eu estava com mais três amigas naquela noite.

A apresentação já tinha atrasado muito, começou super tarde, o que já não foi bom. E lembro que, quando eles estavam cantando a música “Artigo 157”, tinha um grupo de meninos mais empolgado, alguns até estavam em cima de uma banca de jornal.

Aí, eu não sei muito bem por que, um policial jogou uma bomba no meio deles, e começou a subir um fumaceiro. Depois daquela vieram outras bombas, e todo mundo abriu um círculo. O metrô Sé, que era 24 horas, foi trancado, e a gente começou a correr pela rua. Nós corríamos, e os carros da polícia passavam jogando bomba e atirando bala de borracha. Só conseguimos escapar quando entramos no terminal do Parque Dom Pedro.

Foi uma noite tensa, e ao mesmo tempo uma experiência esclarecedora, porque eu lembro de ter pensado coisas como: “Nossa, a gente mesmo precisa ocupar essa cidade”. A partir dali, eu comecei a circular por São Paulo, a sair muito mais.

Eu tinha um problema, por exemplo, com a Vila Madalena. Quando era mais novinha e usava o cabelo black power, eu ia nos sambas lá e as pessoas me ofendiam, me xingavam, me olhavam feio. Como as pessoas podem querer ganhar dinheiro com samba sendo racistas? Eu não entendia. Teve um momento da minha vida que eu realmente evitei o bairro.

Mas depois, refletindo, eu tomei consciência de que quando a gente assume o nosso cabelo crespo, a gente mostra não só que a gente aceita o cabelo, a gente mostra que aceita ser negro no Brasil, e ser negro no Brasil é estar pronto para lutar. Então eu falei: “Eu vou à Vila Madalena e vou entrar nas lojas. Eu vou ao restaurante japonês, eu vou ao Outback, eu vou não sei aonde. Eu vou, vou, vou, vou. Está aqui o meu corpo e eu vou entrar, lide com isso”.

Semayat de Oliveira Silva

Sob um sol de grafite

Trabalhei doze anos com publicidade. Fiz muita propaganda de sabão em pó. Fui estagiário, virei assistente e... continuei assistente. Trabalhava, trabalhava, trabalhava, mas não evoluía.

Eu comecei, então, no paralelo, a mostrar minhas ilustrações, meus quadros. Era um blog. As pessoas curtiam, e eu passei a viver uma situação estranha: no trabalho, eu era um nada; fora, tinha relevância.

Aí veio o fatídico dia.

A chefia me fez virar a noite fazendo uma ilustração e, no fim, não usou para nada. Eles me mandaram fazer aquilo só para mostrar poder. Pedi demissão.

O dinheiro guardado dava para seis meses, e aí tive que dar um corre.

Estava naquela indefinição, aquela coisa, quando fui trabalhar com um cara chamado Danilo Roots. Ele fazia grafites e já conhecia meu trabalho. Ele falava: “Mano, vai para a rua”. Por coincidência, nessa época, um amigo (Choras é o nome dele) também via meus desenhos e falava: “Nossa, você tem que vir para a rua”.

Rua, rua, rua. Como é isso? Aí que eu descobri que o grafite é ilegal. Você não faz com autorização, você faz à noite, rápido ali, e vaza.

No primeiro dia, saí com o Choras, o Locones, Ras, Fabá, um pessoal da Zona Norte. E logo de cara rodamos na Zachi Narchi. A polícia chega apavorando:

— A-a-a, para aí!

Mas foi massa. O desafio, a adrenalina. Abriu todas as janelas do meu mundo. De lá para cá, são seis anos e uns seiscentos trabalhos.

Mais recentemente, quando eu já era considerado, um pessoal inventou de fazer uma gravação comigo na ponte da Lapa.

— Beleza, vamos embora.

Estou ali pintando e, de repente, chegam sete viaturas. Os caras já saem putos, porque acham que você está pichando — e, para ajudar, meu trabalho é em preto e branco.

Na hora que eu estava entrando no camburão, o oficial ainda deu uma olhada no meu trabalho e falou: “Pô, bem louco seu trampo, hein, meu? Da hora!”

Só que não teve jeito, me levou mesmo assim.

Alex Leite de Moraes Senna

ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE

Pare o mundo que eu quero descer

A primeira droga que eu usei foi maconha. Quem deu foi meu cunhado, ex-cunhado. Quase apanhei. Já tinha passado da hora de ir para a escola. Como foi a sensação? Horrível. Tanto que eu fumo até hoje.

Acho que é a força do destino que te faz usar. Tem o organismo também, ele pede. É difícil eu fumar cigarro, e de pedra não adianta, não gosto. Me ofereceram hoje, até, agora mesmo. Fui correr, o cara apareceu com essas caixinhas Tic Tac, essas balinhas, tinha um monte assim lá dentro:

— Ó, Santiágua, vamos fumar?

— Quanto é?

— Pra você é de grátis.

— Obrigado.

Eu não quis. Até um outro que estava do meu lado assim falou:

— Se é uns três, quatro anos atrás.

— É, mano, mas não é três, quatro anos atrás, é eu aqui no presente. Não quero. Se fosse cocaína até usava, crack não.

Ontem mesmo eu vi um camarada, fiquei de cara com ele. Era noia, noia, de coberta nas costas. Ele tem vinte e sete anos. Quantas vezes nós não fomos zoar em hotel, em outras baladas? Quando ele parou na minha frente, eu não acreditava.

— Aí, Santiágua.

— Sou eu.

— Parabéns, está forte, está bonito. Você é uma pessoa robusta.

— Sou mesmo.

Beber eu gosto também. Aliás, eu não bebo, eu consumo. Quando era mais criança, tomava caipirinha no fundo do copo da minha mãe, que ela preparava uma caipirinha feita com limão de casa, aquela verdadeira. Cerveja ninguém merece: dá uma mijação, é horrível. Prefiro pinga. Pinga ou uísque.

Tem vez que eu saio à noite, ando assim pelo centro de São Paulo, chego num bar e falo:

— Não tenho dinheiro para pagar. Me dá um Dreher aí pra mim?

— Beba, Santiágua.

Cada coisa que aconteceu comigo. Já me joguei para o suicídio duas, três vezes. Fiz até roleta russa com o revólver na cabeça: pa, pum. E não foi. Eu tomei 68 comprimidos, tudo tarja preta, com dois litros de pinga e um quilo de açúcar.

Se eu tivesse pegado um pouquinho de juízo não estaria com todas essas tranqueiras no corpo. Tenho tumor, tenho câncer, tenho Aids, tenho hepatite C. Hoje falaram que eu estou com tuberculose. Como estou com tuberculose?! Outro falou que eu estava com sífilis. Arritmia tenho também. Em vez de tomar o remédio com água, eu tomo com uísque. É errado.

Em Sorocaba, eu era cobrador de ônibus, aí eu vinha e voltava. Virei andarilho. Fui para o Mato Grosso, Paraná, até na Bolívia eu fui parar. Tudo isso a pé. Até que eu encontrei uma ONG que se chama É de Lei e acabei sossegando em São Paulo.

Hoje eu faço meus tratamentos no Hospital Emílio Ribas. Sou cobaia do Emílio Ribas. Assinei um papel lá, assinei e carimbei. Falaram que é para ser cobaia de um remédio. Estranho, por que eu assinei esse papel? Ninguém me forçou.

Eu luto tudo contra tudo, só que deixo na mão de Deus. Que nem eu volto a dizer: “Já tentei o suicídio”. Nem o capeta me quer. Não que eu seja ruim, às vezes tem até um lugar melhor para mim. Eu já me batizei nas águas —candomblé, umbanda.

Você tem um isqueiro? Eu tenho um isqueiro. Quer ver o sobrenatural? Olha aqui. Vou acender, vou tacar fogo no meu braço. Está vendo? Não sinto nada. É um plasma, entendeu? Só vai dar uma bolha amanhã, uma bolhinha. Um cheiro. Passa agulha de um lado para o outro no corpo e puf, passou.

Por que eu faço isso? Não sei. Sei que não tem mais cura, estou morrendo. E está bom. Já passei meu tempo, estou com quarenta e cinco anos. Chega.

Eronides Santiágua

Pela porta da frente

Uma vez, uma senhora, uma velhota dessas que morava sozinha na favela, numa das saídas que fazia, ela viu uma coisa estranha num terreno baldio.

Era uma Consul vermelha de laca. Largada lá, jogaram fora.

A imagem daquela geladeira deve ter ficado na cabeça dela, porque assim que voltou à favela, onde há muito mestre de obra, muito pedreiro solidário, imagino que ela deve ter conversado com eles, deve ter falado que tinha tido uma ideia.

Os homens provavelmente escutaram ela falar e foram então até o terreno baldio.

Chegando lá, arrancaram a porta da geladeira e a carregaram até a favela. Depois levaram até a casa dela, fizeram o encaixe e adaptaram a fechadura. Foram tocando o serviço.

Quando terminaram, aquela senhora passou a morar numa casa que tinha um design e tanto. Ela passou a morar numa casa cuja porta é a de uma geladeira.

Uma porta de geladeira que tem como emblema uma pequena coroa dourada.

Paulo Archias Mendes da Rocha

Andança

Ali pelo começo do ano 2000, eu fiquei abalado com umas coisas. Tinha me separado, tinha a responsabilidade de criar um filho, tinha perdido minha mãe e estava desanimado com as perspectivas de trabalho. Era um momento estranho.

Eu não sabia direito que rumo dar à vida, então falei com um dos meus irmãos sobre a possibilidade de viver um tempo num sítio dele em Minas Gerais. A resposta veio logo: “O sítio está lá. Se quiser ir tomar conta, tudo bem, fica lá”.

A cidade se chama Santana do Manhuaçu. É bem pequenininha. Toda vez que eu queria ir até o centro, precisava fazer uma caminhada de vinte quilômetros. Na maior parte do tempo, portanto, eu ficava sozinho em casa.

Talvez por conta disso tenha cismado de escrever. Contos. Três saíram naturalmente. O primeiro era sobre o dia do falecimento da minha mãe; o segundo, sobre uma paixão platônica que tive por uma garota de dezesseis anos; o terceiro era sobre uma história que eu vivi quando trabalhava num bar em Santos.

Continuei naquele retiro por um tempo, até que me desentendi com a família. Eles tinham planos de mudar para o sítio, e eu decidi cair fora. Escolhi Campinas, porque meu filho, Pedro, estava estudando ali perto, em Hortolândia.

Chegando lá, ainda tentei trabalhar num negócio de vedação, mas não deu certo. Aí, um dia, pensei: “Quer saber de uma coisa? Vou digitar aqueles contos”. Entrei numa lan house, pa, pa, pa, imprimi e saí à rua para vender.

Tentei primeiro na rodoviária de Campinas. Não deu. O segurança chegava e falava: “Não sei o quê, não pode”. Aí eu analisei o negócio e comecei a ir até o ponto onde os alunos pegavam ônibus para ir para a Unicamp. Já foi melhor.

No começo minha chegada era assim:

— Posso falar com você?

— Não.

Aí pronto, morria.

Hora de mudar a estratégia. Passei então a perguntar: “Você gosta de ler?”. A receptividade era outra. Se a pessoa falasse que não, eu também não insistia. “Gosta de ler?” “Não.” “Então está bom.” Se falasse “mais ou menos”, eu continuava a conversa. Se falasse “gosto”, eu ficava feliz. Gosto é cinquinho no bolso. Se falasse “adoro”, eu já comemorava: é dez.

Era bacana, mas não dava para viver. Tive que deixar a pensão e, para não incomodar ninguém da família, resolvi morar num albergue. Em albergue é bandido para todo lado, uma rigidez do caramba. Mas a experiência teve pelo menos um lado positivo: ela me fez ver que eu não precisava de muito.

Comida, havia vários lugares que serviam de graça: igrejas, entidades. E para dormir você dava um jeito. Resolvi viver assim.

Durante o dia eu ficava zanzando, tentando vender os contos, e, ao anoitecer, ia para a rodoviária. Quando dava meia-noite, eu ia para um barzinho na esquina que virava 24 horas, pedia uma cachaça e ficava enrolando até as duas. Das duas às três eu ficava quieto. Às três pedia outra dose e ficava bebendo até as cinco.

Às cinco horas já começava o movimento na rodoviária, aí eu seguia até a Catedral de Campinas, onde dava uma cochilada rápida e saía para ganhar os trocados com os contos.

Conheci muita gente, muita.

Uma vez, por exemplo, fiz amizade com um cara de Mato Grosso. Eu estava no bar e ele chegou puxando conversa:

— Está bebendo o quê?

— Cachaça.

— Pede outra que eu pago.

— Sério?

— É, é. E olha, amanhã é meu aniversário. Sabe esse bar da esquina? Eu vou te pagar uma cerveja. Não quero passar meu aniversário sozinho.

No dia seguinte, nós nos encontramos, tomamos a cerveja, tal, tudo bem.

Daqui a pouco aparece meia dúzia de viaturas. “Mão na cabeça! Mão na cabeça!”. E levaram o cara.

Outro sujeito gente boa que eu conheci foi um tal de Rodolfo, que fazia malabarismo em semáforo. Ele me chamava de Senhor Barba, porque eu usava barba na época. Um dia, ali conversando, deixei escapar essa:

— Pô, Rodolfo, estou com vontade de meter o pé na estrada aí, até Belo Horizonte.

— Se quiser a gente vai junto.

Conversa à toa, assim, dessas que a gente tem aos montes, mas que no meu caso acabou sendo profética, porque depois de mais umas reviravoltas um dia eu realmente meti a mochila nas costas e fui.

São Paulo foi o ponto de partida. Dali por diante eu não sabia o que iria acontecer.

Minha primeira parada foi em Jundiaí. Chegando lá, no albergue, a assistente social me ofereceu uma passagem para Campinas. Foram duas semanas, me dei bem: comprei até um sapato novo.

Depois vieram Sumaré, Americana, Santa Bárbara D’Oeste, Piracicaba. Fui indo, fui em frente.

Eu chegava a uma cidade e procurava três coisas: um albergue, uma copiadora barata e o lugar onde ficavam os estudantes, o esquema era esse. E continuei: Rio Claro, São Carlos, Ibaté, Araraquara, Ribeirão Preto.

Em Ribeirão Preto, fiquei três, quatro dias só. O pessoal do albergue levou eu e mais dois caras para a rodoviária. Um deles era de Bebedouro. Ele puxou conversa:

— Acabei de sair do presídio de Presidente Venceslau. Vou te pagar uma cachaça.

— Beleza.

Aí comecei a conversar com o cara, um cara do PCC. Ele falou assim:

— Eu estava na rebelião de 2006. Não matei polícia, mas rival eu ajudei a matar. Agora vou para casa.

— Louco.

— Vou chegar lá, churrasco no final de semana, mas segunda-feira tem trampo. Esses anos que eu passei lá, os manos sustentaram a minha mulher e a minha filha, agora vou ter que sustentar a família deles.

— E você vai fazer o quê?

— Assaltar.

Isso foi em Ribeirão Preto. Dali segui viagem para Franca, de onde já cá em Minas, São Sebastião do Paraíso. São Sebastião do Paraíso não rendeu nada. Fui para Passos, pior ainda, não consegui nem pouso nem passagem. Toquei viagem para uma cidadezinha chamada Piumhi, e de Piumhi fui para Formiga. Lá a assistência social só abria no dia seguinte, às oito horas, e eu tive que dormir na rodoviária. Foi a única vez. Mas era uma rodoviária boa, que tinha televisão. Lembro que antes de pegar no sono assisti àquele filme “Toda nudez será castigada”, do Arnaldo Jabor.

A parada seguinte foi Divinópolis. Lá não deu para dormir no albergue, estava cheio, mas me deram uma passagem para Itaúna.

De Itaúna segui até Betim, pertinho de Belo Horizonte. Lá o albergue tinha uma puta de uma comida boa, comida mineira. De Betim fui de ônibus para Contagem, e de Contagem toquei para Belo Horizonte. A pé. Saí às oito horas, cheguei por volta de meio-dia e meia, foram quatro horas e meia de caminhada.

Em Belo Horizonte, também me hospedei num albergue muito bom, com iogurte no café da manhã. Fiquei dezesseis dias lá e fiz uma grana com os contos. Até entrevista para jornal eu dei.

Com dinheiro no bolso, peguei o trem pra João Monlevade, onde conheci dois malucos. Um deles, Roberto, que na época tinha 56 anos, e um outro gordinho, que viajava com ele. Foi esse Roberto que me falou que o pessoal que fica indo de cidade em cidade é conhecido como trecheiro. Ele era trecheiro havia dezoito anos. Dezoito anos sem casa, sem trabalho fixo, só pegando passagem de um lugar para o outro.

Seguimos juntos até Ipatinga e, depois, Caratinga.

De Caratinga eu poderia ter ido direto para Manhuaçu, rever o sítio onde escrevi os primeiros contos, mas preferi antes dar um pulo em Ipanema, onde ainda me demorei uns dias.

Aí, sim, comecei a fazer o circuito da volta. Tinham sido sete meses de andança. Passei por três estados, quarenta cidades e vinte e quatro albergues. Peguei uma carona até Manhuaçu, onde encontrei meu irmão e a família

dele, e depois vim descendo devagar: Manhumirim, Ibatiba, Venda Nova do Imigrante, Marechal Floriano.

Em Vitória, no Espírito Santo, aconteceu um negócio engraçado. Quando eu cheguei ao albergue, quem encontro na porta? O Roberto, que eu tinha conhecido em João Monlevade, e o gordinho que andava com ele. Aí foi aquela festa: “Ô, e aí? Como é que tá?”

Também tivemos sorte com a comida lá. A salada vinha num marmite, separado, e a refeição era muito boa. No primeiro dia, no almoço, veio lombo, no segundo dia, filé de frango, e, no terceiro, picanha.

A parada seguinte foi Juiz de Fora. Sofri. O pessoal que menos gostava de ler em toda a viagem era o de Juiz de Fora. Eu oferecia os contos e o pessoal só respondia: “Não gosto de ler, não gosto”.

Dali peguei uma passagem para Aparecida, de onde viajei para Taubaté. Aí já estava praticamente chegando: Taubaté-São José, São José-Jacareí. Em Jacareí comprei a última passagem.

Fui para Campinas. Eu já poderia me alojar de novo no albergue. Tinham se passado seis meses desde a minha última estadia.

Carlos Alberto Spagnolo Stahl

Pedaço de mim

Minha mãe ficou noiva três vezes e não se casou. Naquele tempo, isso nunca acontecia. Três vezes. Aí, um belo dia, numa festa de São João em Bom Jesus do Gurgueia, ela encontrou meu pai.

Ele era de uma família influente, de políticos lá da terra. Ele se aproximou e falou:

— Vamos casar?

— Só se for hoje — ela respondeu.

E se casaram. Simples assim. Não se conheciam, nunca tinham se visto antes, mas se casaram.

Os dois foram morar na casa dos meus avós paternos, mas então, quando eu estava para nascer, minha mãe falou que queria ter o bebê na casa da mãe. E meu pai respondeu: “Se você for, não volta mais”. Ela foi e eles nunca mais se viram.

Quando eu ia completar cinco anos, meu pai mandou aviso: ia me buscar e me botar numa escola. Minha mãe disse que tudo bem, mas, assim que ele virou as costas, pegou uma mala de papelão e veio comigo para São Paulo. Fugiu. Não deu o endereço a ninguém.

Ficaram algumas memórias da vida no Piauí. O riacho era uma coisa maravilhosa, o barulho do rio, da chuva. Aqui, quando chove, nós abrimos o guarda-chuva e saímos. Lá não, lá quando chove vai todo mundo para a rua festejar a chuva. São lembranças assim.

Mas foi em São Paulo que eu estudei, me formei professora, me casei e tive quatro filhas. Meu marido é um homem bem tranquilo.

A vida corria em paz quando, um dia, minha mãe sofreu um ataque do coração e morreu. Foi um período difícil, mas, passado o tempo do luto, eu cismei que queria conhecer meu pai. Era um vazio que eu tinha na vida, nem o nome completo dele eu sabia.

Tirei férias do serviço, meu marido também, e fomos embora. Pegamos um avião e descemos em Teresina. Fomos até a rodoviária, pegamos um ônibus e viajamos acho que mais de seis horas.

Ao chegar a Bom Jesus do Gurgueia, a dúvida: para que lado ir? Olhamos de lado e vimos um taxista. Ele se chamava Curió.

— Vocês querem ir para um hotel?

— Estamos pensando.

— Não pensa muito, porque só tem esse táxi na cidade, se ficar pensando eu posso ir embora e aí fica sem.

— Para onde a gente pode ir?

Curió nos levou a um hotel próximo. No caminho, claro, nós começamos a conversar:

— Vocês não são daqui, não é? — ele perguntou.

— Não, não somos.

— E vieram fazer o quê?

— Eu vim — eu disse. — Procurar uma pessoa chamada Aderli. Você conhece?

— Aderli tem dois aqui na região. Tem um que bebe bastante, deve ter uns quarenta anos.

— Esse não é — eu falei. — E o outro?

— Ih, esse outro não é fácil de chegar até ele não. A família dele é toda da política.

Decidi, então, abrir a situação. Conteí o motivo da viagem e tudo. Aí, não sei o que ele fez, com quem falou, mas acabou localizando uma pessoa que poderia ser minha prima.

Na manhã seguinte, por volta das dez horas, Curió nos apanhou no hotel e levou até uma casa grande, que ficava no fundo de um terreno vasto. Batemos à porta e uma mulher veio andando lá de dentro. Assim que ela me viu, falou:

— Virgem Maria, é Maria Amélia.

— É, sou. Mas como você sabe disso?

— A senhora é parecida demais com minha tia Maria Helena.

Ali eu vim a descobrir que tinha um monte de irmãos e que todas as meninas da família se chamavam Maria, assim como eu.

Ela me contou ainda que meu pai tinha ido a Brasília e que no dia seguinte estaria numa cidade vizinha, que se chama Palmas.

Logo ao amanhecer Curió nos levou até lá.

Quando cheguei, fui recebida por todos os vereadores, todas as pessoas influentes da cidade, todo mundo estava esperando por mim.

Foi aí que conheci meu pai. Ele é um homem loirinho e tem o olho verde, assim como o meu. Tinha setenta e poucos anos na época e carregava um filhinho de dois anos nos braços, meu vigésimo segundo irmão.

Ele disse que nunca mandou minha mãe embora. O que ele teria falado para ela teria sido isso: “Se você for embora para ter o bebê na casa da sua família, você vai voltar sozinha, porque não vou te buscar”. E ela teria respondido: “Se não for me buscar, eu não volto”. Não sei o que aconteceu de verdade, mas ele nunca foi buscá-la, e ela nunca voltou.

Maria Amélia Nunes

Posfácio

O Museu da Pessoa é um museu virtual de histórias de vida aberto à participação de toda e qualquer pessoa. Fundado antes da internet, o Museu da Pessoa sempre acreditou que as narrativas de vida de cada pessoa são o bem mais precioso para a memória de nossa sociedade.

De agosto de 2015 a dezembro de 2016, o Museu da Pessoa realizou, através do Programa de Ação Cultural (ProAC ICMS), do Governo do Estado de São Paulo, o projeto Plano Anual de Atividades 2015 do Museu da Pessoa que contou com o patrocínio das empresas: Brasken, AES Eletropaulo e Instituto Algar.

Este projeto possibilitou gravar 64 histórias de vida, editar 64 vídeos de curta-metragem, formar e mobilizar 641 pessoas, entre líderes comunitários, jovens, professores e alunos, na Tecnologia Social da Memória. Também recebemos 383 histórias de vida e 79 coleções em nosso portal, produzidas pelos usuários. Todo esse conteúdo pode ser acessado em www.museudapessoa.net.

A todas essas empresas, colaboradores, voluntários, depoentes, internautas e amigos, um muito obrigado.



CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Conceito e Coordenação editorial
Karen Worcman

Editor
Marcus Aurelius Pimenta

Assistente editorial
Marcia da Costa Gonçalves
Pimenta

Produção editorial
Marcos Terra

Entrevistadores
Eduardo Barros
Felipe Rocha
Joyce Pais

Lila Schnaider
Lucas Figueirêdo Torigoe
Rosana Miziara Lopes

Projeto gráfico e diagramação
Editora Olhares

Revisão
Luiz Del Tedesco

Alguns títulos de canções nos inspiraram na abertura das histórias desempenhando uma função ilustrativa. Agradecemos os autores pela inspiração.



Museu da Pessoa

Diretora-presidente
Karen Worcman

Diretora executiva
Sonia London

Colaboradores:
Allan Russo Fava
Ana Maria Leitão
Caio Coimbra
Danilo Eiji Lopes
Felipe Rocha
Gabriel Medeiros Morais
Jefferson Santos

Joyce Pais
Keli Garrafa
Lia Paraventi
Lila Schnaider
Lucas Figueirêdo Torigoe

Lucas Lara
Luiza Paiva
Mariana KZ
Marcia Trezza
Marcia Ruiz
Marcos Terra
Ricardo Vilardi
Rosana Miziara Lopes
Tati Rommel

AGRADECIMENTOS

Cartola Filmes
Moinho Cultural

Agradecimento especial a todos os entrevistados do Programa “Conte sua História – Projeto Plano Anual de atividades do Museu da Pessoa 2015”

Adriana da Silva Tubino	José Sidnei Colombo Martini
Afonso Celso Prazeres de Oliveira	Josino de Souza (Lika)
Alex Leite de Moraes Senna	Juan Muzzi
Alexandro Nascimento Genaro	Kantiomise Averno
Alphonse Nyembo Wanyembo	Léo Voigt
Ana León	Leonid Nosek
Ana Maria da Silva Oliveira	Luciana Pellegrino
André Ghizzi Guazzelli	Luiz Gustavo Ortega
André Palhano	Luiza Helena Trajano
Andreia Aparecida Evangelista	Lydia Leão Sayeg
Antônio Carlos Alberto Nunes (Keäinubake hunikuin)	Marco Aurélio Roberto
Antônio Carlos Tanjioni	Maria Amélia Nunes Soares
Antônio Leandro Ribeiro	Maria Lúcia Bianchini
Benjamin Gleason	Maria Mikaelian
Carlos Alberto Spagnolo Stahl	Maria Tereza Montenegro
Catia Hatsuko Kawano Miyasiro	Mateus Calligioni de Mendonça
Claudio Maçarico	Miguel Bahiense
Dalci Alves	Ney Bonfante Piedade
Elaine Viana Francelino da Costa	Paulo Archias Mendes da Rocha
Elisabeth Zwolfer Americano	Pedro Francisco dos Santos (Pedrishna)
Elissandro Carlos Rodrigues	Regis Gund
Eronides Santiago	Ricardo Voltolini
Gabriela Sayuri Yamaguchi	Samuel Silva
Gildo Magalhães dos Santos Filho	Semayat Silva e Oliveira
Guilherme Rodrigues de Morais	Wilson Almeida de Campos
Hélio Matar	Valdir Folgueral Rodrigues
Hugo Paz	Vanderlei Fischer
Iris Nunes de Oliveira	Vanessa Meneses dos Santos
Jair do Amaral	Vercidino Albarello
Jean Claude Bernardet	Vito L'Abbate
Jefferson Klaus de Lara Silva	Ygor Montenegro Jacinto
Jonathan de Ávila da Silva	Zélia Aparecida Grittem Farias

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Odílio Hilario Moreira Junior CRB-8/9949

Q1 Quase canções / Vários autores. – São Paulo, SP :
Museu da Pessoa, 2017.

116 p. : il. ; 15cm x 21cm.

Inclui índice.

ISBN: 978-85-6050-547-0

1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Título.

2017-26

CDD 869.8992301

CDU 821.134.3(81)-34

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Contos 869.8992301

2. Literatura brasileira : Contos 821.134.3(81)-34

No ano em que o Museu da Pessoa foi fundado, 1991, o grupo de rock Titãs lançava o álbum “Tudo ao mesmo tempo agora”. Essa era a sensação dominante em 2016, quando a entidade comemorou 25 anos. Tudo se misturava na memória: as parcerias, os projetos, as exposições, as publicações e, mais importante, as quase 20 mil histórias de vida de seu acervo.

“O tempo dá voltas e curvas, o tempo tem revoltas absurdas, ele é e não é ao mesmo tempo”. Este livro é parte da comemoração e, para não sair do tom, reúne 34 narrativas dentre as 64 colhidas pelo programa Conte Sua História em 2016. Para os próximos vinte e cinco anos, quem sabe, seguir com “a mente quieta, a espinha ereta e o coração tranquilo”, mas também, se for preciso, “soluçando em prantos, aos trancos e barrancos”. Afinal, o importante é seguir, e, para voltar aos Titãs: “A gente quer a vida como a vida quer”.

Realização



Museu da
Pessoa **25** anos

